

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

VINÍCIUS NEIA THOMAZ DA SILVA

ÓPERA DO MALANDRO: de Buarque a Möeller, um estudo do texto à cena

Uberlândia - MG

2024

VINÍCIUS NEIA THOMAZ DA SILVA

**ÓPERA DO MALANDRO: de Buarque a Möeller, um estudo do texto à cena**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Teatro, área Artes, da UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, como requisito parcial para a Obtenção do grau de Licenciatura em Teatro.

Orientadora Profa. Dra.: Daniele Pimenta

Uberlândia - MG

2024

Dedico este trabalho ao meu pai, Romildo Thomaz, e à minha mãe, Iva Neia, por sempre me apoiarem na minha trajetória artística, além de terem sido excelentes professores da rede pública de ensino e me mostrarem que um sonho se começa em casa e prossegue com os estudos na escola.

E dedico aos meus irmãos, Murillo, Nicolas e Leonardo, por terem seguido a vida acadêmica e me puxarem e apoiarem até aqui.

O exemplo arrasta.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos e todas que de alguma forma contribuíram e somaram pontos pra realização deste trabalho:

A Deus pela vida e pela oportunidade de continuar desfrutando do ensino público e fazer dele minhas ferramentas de inserção profissional neste mundo.

À minha orientadora Profa. Dra. Daniele Pimenta, por ser generosa, paciente e conselheira imprescindível durante a minha caminhada.

A todos meus professores, por permitirem a aprendizagem de campos que eu ainda não tinha conhecimento, durante o período que estive no curso de licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

Ao técnico em cenografia do curso de teatro, Edu Silva, pelo companheirismo, pelas trocas e pela oportunidade de pensar e produzir teatro junto.

Obrigado Amanda Bianco, Jorge Mauro (J.Maurin), Luiz André e Valissa, meus queridos companheiros, que compartilham de universos tão diferentes, tão afinados, tão refinados... pelas risadas, pelas trocas e pelos toques.

Obrigado à UFU pelas portas sempre abertas!

Obrigado ao meu avô José Thomaz da Silva (in memoriam), pela simplicidade e pelas histórias fascinantes de um homem que, com sua esposa, criou seis filhos.

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar diferentes versões de Ópera do Malandro, de Chico Buarque, comparando o texto original de 1978; o filme de 1985, dirigido por Ruy Guerra; e a adaptação teatral de 2003, dirigida por Charles Möeller. O estudo foca em como o texto transita entre diferentes linguagens artísticas, explorando as adaptações estruturais e interpretativas que ocorrem na transposição do teatro para o audiovisual. A metodologia aplicada no trabalho combina análise textual e comparativa, incorporando conceitos de física como estabilidade estrutural e teoria das bifurcações para entender as mudanças entre as versões. Investigando como cada adaptação modifica elementos, como as músicas e a dinâmica entre personagens, para adaptar o conteúdo ao formato escolhido. Esse estudo também busca compreender a flexibilidade da obra e como suas características principais permanecem, apesar das diferenças nas adaptações.

**Palavras-chave:** Ópera do Malandro; análise teatral; bifurcações; instabilidade.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the different versions of the *Ópera do Malandro*, by Chico Buarque, comparing the original text from 1978; the 1985 film, directed by Ruy Guerra; and the 2003 theatrical adaptation, directed by Charles Möeller. The study focuses on how the text transitions between different artistic languages, exploring the structural and interpretative adaptations that occur in the transposition from theater to audiovisual.

The methodology applied in the work combines textual and comparative analysis, incorporating concepts from physics such as structural stability and bifurcation theory to understand the changes between the versions. Investigating how each adaptation modifies elements, such as the music and the dynamics between characters, to adapt the content to the chosen format. This study also seeks to understand the flexibility of the work and how its main characteristics remain, despite the differences in the adaptations.

**Keywords:** *Ópera do Malandro*; theatrical analysis; bifurcations; instability.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 — Diagrama - Sistemas em estabilidade .....	49
Figura 2 — Primeiro ponto de bifurcação do filme .....	50
Figura 3 — Primeiro ponto de Bifurcação da peça .....	51
Figura 4 — Segunda ponto de bifurcação do filme .....	51
Figura 5 — Terceiro ponto de bifurcação no filme.....	52
Figura 6 — Quarto ponto de bifurcação do filme.....	52
Figura 7 — Segundo ponto de bifurcação na peça .....	53
Figura 8 — Terceiro ponto de bifurcação da peça .....	53
Figura 9 — Quarto ponto de bifurcação do filme.....	54
Figura 10 — Gráfico final estudo onde os parâmetros se repetem em todos os casos .....	54
Figura 11 — Gráfico geral - Possibilidades de bifurcações.....	55
Figura 12 — Relação de musicas com os casos.....	556

## LISTA DE IMAGENS

Imagen 1 — João Alegre - Ator, Nadinho da Ilha.....	19
Imagen 2 — Vitória e Duran - Interpretados por Ary Fontoura e Maria Alice Vergueiro.....	20
Imagen 3 — Teresinha e Max Overseas - Interpretados por Marieta Severo e Otávio Augusto .....	21
Imagen 4 — Max, Geni e Teresinha ao fundo - Interpretados por Otávio Augusto, Marieta Severo e Emiliano Queirós.....	22
Imagen 5 — Casamento - Na imagem, Chaves, Teresinha, Max e outros - Interpretados por Tony Ferreira, Marieta Severo, Otávio Augusto e mais. ....	23
Imagen 6 — Vitória, Dorinha, Shirley, Mimi, Doris e Duran - Interpretados por Maria Alice Vergueiro, Elza de Andrade, Neuza Borges, Cláudia Jiménez, Uva Nino e Ary Fontoura.....	24
Imagen 7 — Geni, Max e as Funcionárias de Duran no Cabaré - Interpretados por Emiliano Queirós, Otávio Augusto e mais. ....	25
Imagen 8 — Prisão - Lúcia Max e Teresinha - Interpretados por Elba Ramalho, Otávio Augusto e Marieta Severo.....	26
Imagen 9 — Vitória, Chaves e Duran - Interpretados por Maria Alice Vergueiro, Tony Ferreira e Ary Fontoura.....	27
Imagen 10 — Teresinha e Max - Interpretados por Marieta Severo e Otávio Augusto. ....	28
Imagen 11 — João Alegre ao centro, restante do elenco espalhado pelo palco....	29
Imagen 12 — João Alegre ao centro elenco ao fundo cantando e dançando. ....	30
Imagen 13 — Pôster .....	32
Imagen 14 — Max e Figurantes - Interpretado por Edson Celulari. ....	33
Imagen 15 — Max e Funcionária de Duran ao fundo - Interpretado por Edson Celulari.....	35
Imagen 16 — Equipe de produção e elenco da peça Ópera do Malandro. ....	39
Imagen 17 — Teresinha e Capangas - Interpretada por Soraya Ravenle.....	41
Imagen 18 — Casamento .....	43
Imagen 19 — Funcionárias de Duran.....	45

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	9
2	<b>DE MENDIGOS A MALANDROS .....</b>	12
2.1	CONTEXTO HISTÓRICO DA ESCRITA DOS TEXTOS DE GAY, BRECHT E BUARQUE.....	12
2.2	CONTEXTOS DO FILME (1985) E DA PEÇA (2003).....	14
3	<b>DO TEATRO AO CAOS: ESTRUTURA, ELEMENTOS E BIFURCAÇÕES</b> 16	
3.1	O TEXTO.....	17
3.2	O FILME .....	30
3.3	A PEÇA .....	37
4	<b>EM RELAÇÃO .....</b>	48
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	57
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	59
	ANEXO A — Canções dos casos analisados.....	62
6	<b>CANÇÕES PRESENTES NO TEXTO 1978.....</b>	62
7	<b>CANÇÕES PRESENTES NO FILME DE 1985 .....</b>	71
8	<b>CANÇÕES PRESENTES NA PEÇA DE 2003 .....</b>	77

## 1 INTRODUÇÃO

No ano de 2021 ingressei no curso de licenciatura em teatro na UFU (Universidade Federal de Uberlândia), durante o início da minha graduação não sabia bem o que pesquisaria e durante a mesma passei por duas diferentes pesquisas de Iniciação Científica, elas foram uma na área de corpo-voz com o professor do curso de teatro Fernando Aleixo, intitulado "Narrativas de Vida: oralidade, arte e educação", e a outra e mais recente foi realizada com o técnico do curso de teatro Edu Silva, intitulada "O acesso em espaços externos e palcos das praças de Uberlândia: levantamento, cadastramento e compartilhamento de uma pesquisa sobre uma possível logística para apresentação à comunidade teatral da cidade".

Mesmo diante de ter passado por dois diferentes campos de pesquisa escolhi para o meu Trabalho de Conclusão de Curso a dramaturgia voltada para o texto teatral com especificidade no teatro musical. visando explorar um cruzamento entre potenciais representações visuais (teatro e texto) e audiovisuais (filme e apresentação teatral gravada) do texto "Ópera do Malandro" de Chico Buarque de Holanda. Meu foco reside na análise das diferentes estruturas, elementos e bifurcações do texto investigado.

O interesse pela pesquisa surgiu ao vivenciar o teatro musical dentro de disciplinas da universidade, por meio de grupos de estudo e contato com pessoas que, assim como eu, são apaixonadas por essa modalidade teatro, para além disso, pude participar de montagens que possuíam características do teatro musical, como a montagem do musical Priscila a Rainha das Trevas em uma disciplina e Piolin. E pelo contato com a criação textual e montagem de espetáculos nos quais pude estudar os textos a fundo e me aproximar dos mesmos.

Para a investigação proposta utilizarei o **texto** Ópera do Malandro de Chico Buarque, o **filme** de Ópera do Malandro de Ruy Guerra (1985) e a **montagem teatral** da mesma com direção de Charles Moëller (2003).

Com o intuito de criar um trabalho de pesquisa significativo para o campo do teatro musical brasileiro, busco verificar se há uma linha condutora a ser seguida em diferentes formas de expressão artística que se baseiam em um mesmo texto, sendo essas formas de expressão artística o teatro e o audiovisual.

A metodologia adotada nesta pesquisa baseia-se inicialmente na leitura do texto Ópera do Malandro, e na análise das diferentes versões disponíveis na internet, (Filme e Peça Teatral), complementadas pela revisão de artigos, dissertações e teses, Cury (1999), Bonfitto (2011) e Rewald (2005) que abordem diretamente o objeto e a metodologia da pesquisa. Foram consultados livros e revistas para enriquecer e aprofundar a investigação.

A abordagem metodológica se desdobrou por meio da comparação entre o texto original (1978), filme (1985) e montagem teatral (2003) da "Ópera do Malandro", estabelecendo conexões e contrastes significativos. Além disso, foi realizado uma análise dos textos "Ópera dos Mendigos" (1728) de John Gay e "Ópera dos Três Vinténs" (1928) de Brecht, buscando identificar elementos comuns e distintivos entre essas obras e como elas influenciaram a escrita de Buarque.

Elementos estudados nessa pesquisa foram;

a; **Transposição do texto escrito para o texto falado**, guiados pela pergunta, como a estrutura dramatúrgica é adaptada para a expressão verbal? Analisando re-textualizações, relações entre personagens e fronteiras entre o texto escrito e o texto falado e bifurcações acerca do que foi visto.

b; **Números Musicais**, aqui será guiado pela pergunta, as sequências musicais do filme (1985) e da peça (2003) dialogam? Como a transposição semiótica de elementos influencia o público nas diferentes formas estudadas?

A estrutura desse trabalho está organizada da seguinte forma:

## **1º capítulo - De Mendigos a Malandros**

Apresentarei os contextos históricos da escrita das peças: Ópera dos Mendigos escrita por John Gay em 1728, Ópera dos Três Vinténs escrita por Bertold Brecht em 1927 e a Ópera do Malandro escrita por Chico Buarque em 1978. Além de contextualizar sobre o momento em que foi realizado o filme Ópera do Malandro de 1985 dirigido por Ruy Guerra e a montagem da peça de mesmo nome de 2003 Dirigido por Charles Möeller.

## **2º capítulo - Do Teatro ao caos: Estrutura, elementos e bifurcações**

Será apresentada uma análise inicial do texto, filme e da peça que serviram para fazer a segunda análise e centro desse trabalho no capítulo 3, essa análise inicial visa apresentar o percurso que seguem os três objetos estudados para posteriormente colocá-los em relação, e verificar as bifurcações dos casos estudados.

## **3º capítulo - Em relação**

Neste capítulo dedico uma atenção especial a Rewald (2005), onde em seu livro/dissertação Caos/Dramaturgia o mesmo trabalha uma teoria de bifurcações da física em relação com as artes cênicas, no qual analisa como ruídos e flutuações alteram o percurso e o resultado do produto final.

## 2 DE MENDIGOS A MALANDROS

Buscando os fragmentos de uma relação que vá além da intertextual, a contextualização histórica-social se faz presente aqui com o intuito de visualizar-se o momento em que viviam os autores e o que pode ter influenciado de forma basilar a escrita das peças.

### 2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA ESCRITA DOS TEXTOS DE GAY, BRECHT E BUARQUE.

De família rica, o escritor Britânico, John Gay (1685 - 1732), foi um dos maiores poetas satíricos de seu tempo, ficou órfão cedo. Seus textos são predominantemente de espírito burlesco, sendo considerada sua obra-prima a peça Ópera dos Mendigos<sup>1</sup>, uma paródia animada do teatro sentimental e da ópera italiana.

Ópera dos Mendigos (The Beggar's Opera), que se passava no submundo da cidade de Londres, a trama da peça é protagonizada por criminosos, prostitutas e policiais corruptos, entre outros. Após a estreia a peça foi reapresentada por mais 62 vezes na mesma temporada, no Lincoln's Inn Fields Theatre.

O que acontece no mesmo ano de (1728) segundo Débora Amorim,

"Era o início do século XVIII e a sociedade inglesa sofria com sérios problemas como desemprego, corrupção e violência. Assim como na ditadura militar no Brasil, a Inglaterra, durante esse período, vivia sob o império da censura. Correspondências eram violadas, pessoas eram demitidas por motivos ideológicos, havia perseguição política e proibição de manifestações culturais." Amorim (2008, Pg. 8)

---

<sup>1</sup> CAMPOS FILHO, Lindberg. Em 1728 estreou a peça The Beggar's Opera (A Ópera do Mendigo) do inglês John Gay e que logo se tornou famosíssima na Inglaterra. Basicamente se trata de uma sátira endereçada às óperas italianas que iam chegando e cada vez mais tomando conta da cena enquanto mega produções e jogando para escanteio o teatro enquanto atividade quase artesanal. 17 ago. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@bergfilho/em-1728-estreou-a-pe%C3%A7a-the-beggars-opera-a-%C3%B3pera-do-mendigo-do-ingl%C3%AAs-john-gay-e-que-logo-se-c403ded0709c> . Acesso em: 19/10/2024.

Por meio dessa afirmação é possível observar o contexto histórico em que Gay vivia e escreveu a peça ainda é visto como tais fatores o influenciaram na escrita de *The Beggar's Opera*.

O texto de Gay de 1728, se configura como uma sátira as Óperas italianas que vinham tomando espaço do teatro enquanto arte.

Em 1920, uma revival da obra de Gay viria quebrar o record de permanência em cena mantido até então pela edição de 1728, provocando uma onda de sucesso em Londres. Para comemorar o bicentenário da estreia da Beggar's Opera, o editor Schott Söhne resolve encomendar uma nova versão a Paul Hindemith. Perante o desinteresse deste, o projecto foi proposto a Kurt Weill e Bertold Brecht que suspenderam a sua "Aufstieg und Fall der Stadt Mahagonny" para que nascesse a Ópera dos três Vinténs – Die Dreigroschenoper. Paulo Coutinho Duarte Capela Morais (2013).

Quase dois séculos após Gay escrever a Ópera dos Mendigos, na Alemanha o dramaturgo, poeta e encenador escreve a segunda peça de uma sequência que hoje já são três, Bertold Brecht (1898 - 1956), escreveu o primeiro texto de teatro que viria a ser designado como épico<sup>2</sup>Um Homem é um Homem entre os anos de 1924 e 1926. No ano de 1927 na cidade de Berlim, Alemanha o dramaturgo e diretor Bertolt Brecht juntou-se com compositor Kurt Weill para escrever a segunda versão de três óperas que estão ligadas historicamente a *Die Dreigroschenoper* ou A Ópera dos Três Vinténs, versão que tornaria ambas a de Gay e do mesmo conhecida por todo o mundo, no ano de 1928 estreia a peça e se torna a versão mais conhecida no mundo, a versão definitiva do texto só ficou pronta no ano de 1931, até o ano de 1933 quando entrou para a lista de negra dos nazistas.

Cinquenta anos depois de Brecht escrever a Ópera do Três Vinténs, no Brasil Chico Buarque escreve a terceira ópera citada neste trabalho a Ópera do Malandro.

JORNAL DO BRASIL. "Eles são contrabandistas, gigolôs, agiotas, policiais corruptos, prostitutas, contraventores, mães interesseiras, filhas de pouco juízo, empresários de negócios escusos. Já gastaram mais de Cr\$ 1.5 milhão, mas 50 pessoas continuam trabalhando duramente, 12 horas por

---

<sup>2</sup>CUNHA, Vasco Soares de Oliveira. Bertolt Brecht (1898–1956): Vida e Obra. Millenium, n. 45, p. 169-179, junho/dezembro, 2013.

dia, para que esta galeria de anti-heróis ganhe vida na Ópera do Malandro, de Chico Buarque de Holanda, texto baseado na Ópera do Mendigo, de John Gay e na Ópera dos Três Vinténs de Bertolt Brecht, que estréia na próxima quinta feira no teatro Ginástico. O espetáculo revive as tensões sociais e as ambições de grupos econômicos no final do Estado Novo, propondo a discussão sobre o poder do dinheiro no interior de uma sociedade pré-capitalista que se prepara para receber o impacto da ação das multinacionais. A produção é ambiciosa e contém um grande desafio, pois a censura já vetou um primeiro tratamento. Mas confiante em que tudo sairá bem, o núcleo básico composto de Chico, o autor, Luís Antônio Martinez Correa, o diretor, Marieta Severo, Carlos Gregório..." Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 jul. 1978. Caderno B, p. 70.

Francisco Buarque de Hollanda, chega no panorama teatral por volta de 1965, enquanto ainda fazia faculdade de arquitetura, onde assina a música do espetáculo Morte e Vida Severina<sup>3</sup>, em 1968 estreia como dramaturgo com o espetáculo Roda Viva roda viva<sup>4</sup>, no ano de 1978 Chico Buarque escreve Ópera do Malandro (baseado nos textos de Gay e Brecht), que se passa no Rio de Janeiro, nos anos de 1940.

Escrita em meio a ditadura militar nota-se que Buarque utiliza as mais diversas formas de falar do momento em que se passava sem que isso fique evidente para a censura militar, além de retratar políticas trabalhistas, corrupção e injustiças sociais.

No decorrer de um período político instável no Brasil a primeira montagem da peça foi dirigida por Luís Antônio Martinez Corrêa, o texto conversa diretamente com os outros 2 anteriormente citados e permeia nesse caso o submundo carioca nos anos de 1940, mostrando os mais diversos modos de burlar a lei que se tinha na época.

## 2.2 CONTEXTOS DO FILME (1985) E DA PEÇA (2003)

O filme derivado da peça de Chico Buarque chegou aos cinemas no ano de 1985, com direção e roteiro de Ruy Guerra, onde no primeiro dia de filmagem disse

<sup>3</sup>Morte Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, na montagem do Teatro da Universidade Católica - TUCA.

<sup>4</sup>RODA Viva. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento405843/roda-viva>. Acesso em: 19 de outubro de 2024. Verbete da Enciclopédia.

o diretor ``Um filme que não quer ter bom caráter`` é o que nos mostra a página 38 do ***Jornal do Brasil*** de 19 de agosto de 1985, Chico Buarque além de trabalhar ao lado de Ruy Guerra e de Orlando Senna, compôs 8 novas músicas para o filme.

Buarque fala a respeito de sua fixação na figura do malandro na edição de 25 de novembro de 1985 do ***Jornal do Brasil*** quando diz: ``O que me fascina na figura do malandro dessa época, década de 40, é o seu caráter lúdico. Ele não era só esse cara que quer levar vantagem em tudo. Tinha também o lado da trapaça por brincadeira, pelo simples espírito da gozação... ``

Filmado durante 2 meses no ano de 1985, o filme conta com grandes nomes no seu elenco como, Elba Ramalho, Claudia Ohana, Edson Celulari, Ney Latorraca entre outros.

Mesmo ano que o Brasil volta a ter um presidente civil eleito de forma indireta, pós ditadura militar que havia começado 21 anos antes, também foi o ano em que o Congresso Nacional aprova outra emenda Constitucional que restabeleceu eleições diretas para presidente da República e prefeitos.

Já a peça montada em 2003 pela companhia brasileira de teatro musical Möeller e Botelho, que contou com duas temporadas onde se apresentou no Brasil e em Portugal, assinando a direção Charles Möeller e com direção musical de Claudio Botelho, o espetáculo foi gravado e disponibilizado no YouTube.

O primeiro ano sob a presidência de Lula, foi marcado pelo lançamento do programa Bolsa Família no Brasil, na cultura a pasta era comandada pelo cantor e compositor Gilberto Gil, que em seu discurso de posse disse em meio a um grande texto que “Não cabe ao Estado fazer cultura”.

### 3 DO TEATRO AO CAOS: ESTRUTURA, ELEMENTOS E BIFURCAÇÕES

Antes de entrarmos nas análises da estrutura, elementos e bifurcações contextualizarei a metodologia que será abordada cada um.

Seguindo a linha de pensamento de relação entre ciências exatas e humanas, para analisar característica estruturais do texto e da cena, utilizarei a definição descrita no artigo de José João Cury "A Quantificação da Narrativa Teatral" onde Cury descreve:

"O nosso trabalho desenvolve-se a partir do capítulo VIII da *Poética Matemática* de Solomon Marcus, utilizando-nos de alguns parâmetros elaborados por ele, como: grau de população da cena, tipos de relações entre personagens, distância cênica, grau de confrontação cênica e hierarquização das personagens." Cury (1999, pg.54)

Para discutir elementos que compõem cada parte da peça e do filme será utilizada a visão de Matteo Bonfitto em seu artigo "Tecendo sentidos: a dramaturgia como textura", analisando cruzamentos dramatúrgicos entre os elementos fílmicos e teatrais que se mantêm em ambas as formas de arte. "(...)através do trabalho do artista alemão, a noção de dramaturgia passa a estar relacionada não somente com a escritura de textos dramáticos, mas com a articulação dos diversos elementos que compõem a cena." Bonfitto (2011, pg. 56)

A análise aqui cabe para se pensar a composição dos elementos cênicos dos objetos estudados. Vale ressaltar ainda, no texto de Bonfitto, que

"...a palavra, por exemplo, deixa de ser nessas formas espetaculares a matriz semântica privilegiada do espetáculo, que estabelece uma relação de dependência com os outros elementos, tais como o figurino, a cenografia, e a música (...) A unidade estética nesses casos é resultante de um profundo jogo de tensões." (BONFITTO, 2011, p. 57).

Para o caso estudado usarei uma definição de dramaturgia que pode ser encontrada no mesmo artigo, que é a de "- dramaturgia narrativa, que entrelaça os acontecimentos, as personagens, e orienta os espectadores em relação ao sentido do que estão vendo; Bonfitto (2011, pg. 58)

Durante parte desse trabalho utilizarei a o conceito de bifurcações para discutir as relações entre o filme e a peça.

De acordo com o livro Caos/Dramaturgia de Rubens Rewald

“As bifurcações surgem como resultantes de instabilidades (internas ou externas) em sistemas longe do equilíbrio. As instabilidades tiram o sistema de seu percurso único e linear e abrem diversas possibilidades de evolução ao sistema, que tem que optar por uma delas. A bifurcação é o ponto crítico a partir do qual uma possibilidade é escolhida, enquanto as outras se perdem para sempre.” (REWALD, 2005, p. 4).

Tal definição será utilizada para tratar a respeito das bifurcações entre o filme e a peça do objeto analisado.

A utilização desses parâmetros para analisar a os casos aqui propostos se dá pois é possível extrair diversas perspectivas quando colocadas junto a uma confrontação de um momento a outro.

Para as análises foi realizado um resumo do texto; uma descrição do filme e uma análise da peça de 2003 onde utilizei os seguintes termos:

Grau de população da cena (diz respeito à quantidade de pessoas ocupando o espaço cênico), tipos de relações entre personagens (trabalha desde relações de poder a relações de igualdade), distância cênica (trata o distanciamento cênico, ator- atriz e ator-publico), grau de confrontação cênica (como os personagens se portam dentro do espetáculo) e hierarquização das personagens ( relações exclusivamente de poder), horizontalidade (onde todos os personagens em cena se encontram com a mesma importância) e unidade estética (como cada casos estudado se comporta durante sua execução).

### 3.1 O TEXTO

Escrito por Chico Buarque em 1978, a peça Ópera do Malandro foi dirigida pela primeira vez por José Celso Martinez Corrêa.

Ficha técnica da primeira montagem:

O produtor ..... Ary Fontoura

A Patronesse..... Maria Alice Vergueiro

João Alegre ..... Nadinho da Ilha  
Duran ..... Ary Fontoura  
Vitória ..... Maria Alice Vergueiro  
Teresinha ..... Marieta Severo  
Max ..... Otávio Augusto  
Chaves ..... Tony Ferreira  
Lúcia ..... Elba Ramalho  
Geni ..... Emiliano Queirós  
Dóris Pelanca ..... Uva Nino  
Barrabás : ..... Ivens Godinho  
Fichinha ..... Cidinha Milan  
Johnny Walker ..... Vander de Castro  
Dorinha Tubão ..... Elza de Andrade  
Phillip Morris ..... Paschoal Villamboim  
Shirley Paquete ..... Neuza Borges  
Big Ben ..... Ivan de Almeida  
Jussara Pé de Anjo ..... Maria Alves  
General Electric ..... Vicente Barcelos  
Mimi Bibelô ..... Cláudia Jiménez  
O Juiz ..... Cléber Thomaz  
Jarbas ..... Genival Calixto  
Bonifácio ..... Vera Cruz  
**Direção:** Luís Antônio Martinez Corrêa  
**Assistência de Direção:** João Carlos Motta  
**Cenografia & Figurinos:** Maurício Sette  
**Assistência Figurinos:** Rita Murtinho  
**Direção Musical:** John Neschling  
**Assistência de Direção musical:** Paulo Sauer  
**Arranjos:** John Neschling & Paulo Sauer  
**Direção Vocal Interpretativa:** Glorinha Beutenmüller  
**Direção Corporal:** Fernando Pinto  
**Iluminação:** Jorge Carvalho  
**Programa:** Maurício Arraes

O texto começa com o personagem "Produtor" recitando um texto na frente da cortina aos espectadores junto com Vitória antes mesmo do prólogo.

No prólogo a cortina segue fechada e João Alegre canta "O Malandro".

*Imagen 1 — João Alegre - Ator, Nadinho da Ilha.*



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

A cena um se passa na casa de Duran e indica um misto de sala de estar, escritório e bazar.

A cena é uma conversa de Duran e o inspetor Chaves sobre a malandragem da cidade e uma dívida que Chaves tem com Duran, falando pelo telefone, Duran desliga o mesmo após a campainha tocar três vezes, é Raimunda Dias "Fichinha" que está à procura de um emprego.

Vitória mulher de Duran entra em cena descendo as escadas e perguntando quem é a pessoa e o que ela quer ali.

Imagen 2 — Vitória e Duran - Interpretados por Ary Fontoura e Maria Alice Vergueiro



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Na mesma cena Fichinha ganha o emprego e vai se trocar atrás de um biombo e descobrimos que Teresinha filha do casal está chegando de viagem.

É indicado que Fichinha sai irreconhecível de trás do biombo.

A introdução do primeiro número musical é feita por Duran onde o mesmo pede para Vitória ensinar a Fichinha como se faz para viver do amor, Vitória canta "Viver do Amor".

Geni entra e se senta em uma poltrona, pela primeira vez Max, o malandro, é citado, Geni também fala do "quebra-quebra" que aconteceu no bordel de Duran e que Max agora é um homem casado com Teresinha Fernandes de Duran, Duran e Vitória se negam a acreditar.

Ao final da cena um, Duran diz que vai ter uma conversinha com o inspetor Chaves.

A segunda cena acontece no esconderijo do Max, Teresinha é apresentada aos capangas de Max, chamados também de "Macacada", e prova seu vestido de noiva.

Max manda os capangas cantarem Tango do Covil.

O texto indica que depois de todos cantarem a orquestra continue o tema musical para que todos os capangas dancem com Teresinha, o mesmo é feito e Max apresenta cada um deles, sendo; General Electric, Phillip Morris, Johnny Walker, Big Ben e Barrabás.

*Imagen 3— Teresinha e Max Overseas - Interpretados por Marieta Severo e Otávio Augusto*



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Geni entra gritando que o Tigrão (inspetor Chaves) está chegando, Max apresenta Geni a Teresinha, a acalma e diz que ele que é o padrinho do casamento. Refere-se a ele como "tigresa" e Chaves o chama de Tião, os dois conversam e juntos cantam Doze anos.

Chaves e Max confraternizam, e seguem conversando e citam Lúcia filha de Chaves.

*Imagen 4 — Max, Geni e Teresinha ao fundo - Interpretados por Otávio Augusto, Marieta Severo e Emiliano Queirós*



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

O inspetor cobra Max por uma dívida antiga, para conseguir pagar Duran, Max passa Chaves pra trás falando que Fernandes de Duran será seu sogro.

Max e Teresinha se casam.

*Imagen 5— Casamento - Na imagem, Chaves, Teresinha, Max e outros - Interpretados por Tony Ferreira, Marieta Severo, Otávio Augusto e mais.*



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Barrabás inicia uma discussão com Chaves, onde ao final da discussão todos saem, sobrando apenas Max e Teresinha no palco, que cantam "Casamento dos Pequenos Burgueses".

A cena muda e Duran está ao telefone conversando com o departamento de polícia à procura de Chaves que não está lá.

Teresinha entra e confirma a história de Geni, Duran e Vitória ficam indignados, Teresinha canta "Teresinha".

Duran planeja que Max seja preso e cita o inspetor Chaves, porém Teresinha revela que Chaves é o padrinho de seu casamento. Duran tem outra ideia, a de divulgar que Chaves e Max trabalham juntos na passeata do dia do trabalhador.

Teresinha o questiona sem eficiência e logo sai de cena, entram quatro prostitutas, Dorinha, Shirley, Mimi e Doris, para conversar com Duran.

*Imagen 6 — Vitória, Dorinha, Shirley, Mimi, Doris e Duran - Interpretados por Maria Alice Vergueiro, Elza de Andrade, Neuza Borges, Cláudia Jiménez, Uva Nino e Ary Fontoura.*



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Ambas cobram Duran para que ele pague os estragos causados no seu cabaré na noite anterior, Duran responde dizendo que elas terão de pagar, por conta do contrato que assinaram.

Duran fala para as funcionárias levarem o problema causado na noite anterior às autoridades competentes.

Duran e Vitória cantam Sempre em Frente.

A cortina se fecha.

Segundo ato João Alegre canta "Homenagem ao Malandro".

A cena segue no esconderijo de Max, Teresinha entra para falar com ele sobre a conversa com seus pais e que Duran vai colocar a polícia atrás dele.

Teresinha coloca medo em Max, o que faz com que ele se arrume para fugir, mas antes deixa suas negociações nas mãos da Teresinha, a mesma tem a ideia de regularizar as atividades de Max, tornando a "empresa" em uma empresa LTDA.

Max dá as ordens da próxima entrega que vai receber e fala a todos que, a partir daquele momento, quem está no comando é Teresinha Overseas.

Max sai e Geni sai atrás. Teresinha, após começar a ensinar inglês aos capangas, tem uma conversa onde demite Barrabás e segue ensinando inglês até o fim da cena.

Uma das funcionárias de Duran canta "Folhetim".

Max entra no local que é o cabaré, e encontra as funcionárias de Duran, que buscam esconder os materiais e os cartazes que estavam confeccionando, Max questiona o que está escrito nos cartazes e conversa com Fichinha.

Os cartazes são para o desfile do dia do trabalhador, Geni corta a conversa para falar que Max será traído por uma mulher muito importante em sua vida e que seu nome começa com a letra "G".

*Imagen 7 — Geni, Max e as Funcionárias de Duran no Cabaré - Interpretados por Emiliano Queirós, Otávio Augusto e mais.*



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Max continua a conversa com as funcionárias até que as mesmas começam a cantar "Ai se eles Me Pegam Agora".

Entram Vitória, Chaves e policiais. As funcionárias recuam assustadas e Max está sapateando, Chaves o interrompe com um tiro no chão.

Max é algemado, Vitória pede para as funcionárias mostrarem os cartazes, logo entram os capangas de Max carregando novos cartazes.

Max descobre que Teresinha demitiu todos os seus capangas.

Introdução musical e todos cantam "Se Eu Fosse o Teu Patrão".

Max está na cadeia e conversa com Chaves, Barrabás aparece, mas é apresentado por Chaves como sendo Chagas o novo investigador da delegacia. Barrabás e Max conversam até a chegada de Lúcia, que chega gritando à procura de Max. Descobrimos no diálogo que Lúcia está grávida e o filho é de Max, os mesmos estão falando de Teresinha quando ela entra.

*Imagen 8 — Prisão - Lúcia Max e Teresinha - Interpretados por Elba Ramalho, Otávio Augusto e Marieta Severo.*



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Ambas não se conhecem Teresinha se apresenta como Sra. Max Overseas e diz que tem grandes novidades, as novidades são que Teresinha transformou as atividades de Max em uma empresa que está se regularizando.

Após mais conversa Teresinha e Lúcia cantam "O Meu Amor"

As duas se atracam, Barrabás as separa e arrasta Teresinha para fora de cena.

Lúcia e Max conversam, Max pede pra Lúcia roubar a chave da cela pra ele fugir, mas Lúcia já havia feito isso e tira Max da cela.

Blackout.

Casa de Duran, o mesmo e Vitória estão observando a passeata na rua e conversam até que Chaves chega.

*Imagen 9 — Vitória, Chaves e Duran - Interpretados por Maria Alice Vergueiro, Tony Ferreira e Ary Fontoura.*



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Duran pergunta a Chaves se ele deu um fim em Max, e Chaves revela que Max escapou da prisão.

Entra Geni, os quatro personagens conversam, Chaves avança sobre Geni, a mesma cobra para revelar informações sobre Max, o inspetor Chaves paga a Geni o valor pedido, Geni canta "Geni e o Zepelim".

Geni revela o endereço de Max para o Inspetor.

Max é preso novamente, em cena Max e Barrabás na prisão, Max dentro da cela.

Max tenta convencer Chaves de o soltar em troca de todo o dinheiro que ele tem em um cofre, cerca de cinco mil dólares. Teresinha entra com papéis para Max assinar, Max conta a Teresinha que Barrabás vai soltá-lo quanto ela der todo o

dinheiro do cofre, mas Teresinha já havia o gastado e ainda devia dezessete mil, dinheiro que ela gastou com advogados, documentos, contabilidade e aluguel.

*Imagen 10 — Teresinha e Max - Interpretados por Marieta Severo e Otávio Augusto.*



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Teresinha e Max conversam até que a orquestra comece a introdução de "Pedaço de Mim", que Max e Teresinha cantam juntos.

Na cadeia Chaves e Duran estão a alguns passos da cela de Max, eles conversam sobre executar Max, mas antes Duran deve acabar com a passeata.

Entra cena da passeata, nela estão João Alegre e Vitória. A mesma fala para suspender a passeata, mas a passeata atropela Vitória e segue em frente, Duran tenta socorrê-la, mas também é arrastado, Chaves atira pro alto e nada acontece.

A quarta parede é quebrada quando Vitória caminha para o proscênio e pede luzes na plateia e para que suspendam o espetáculo.

Vitória, Duran/Produtor, João Alegre conversam, saem Duran, Vitória e João Alegre. Max, Teresinha, Lúcia, Geni, capangas e funcionárias de Duran estão no palco.

Entram Duran e Vitória para o EPÍLOGO DITOSO (Ópera) – como indicado no texto – e, de agora em diante, tudo será cantado.

*Imagen 11 — João Alegre ao centro, restante do elenco espalhado pelo palco.*



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Imagen 12 — João Alegre ao centro elenco ao fundo cantando e dançando.



Fonte: Retirado do Livro/Texto Ópera do Malandro 1978.

Black-out; fecha a cortina; orquestra continua.

João Alegre à frente da cortina canta "O Malandro N.º2"

Fim.

### 3.2 O FILME

O filme Ópera do Malandro estreou nos cinemas Brasileiros em meados dos anos oitenta e é baseado no Musical de 1978 de Chico Buarque de Holanda.

Ficha técnica:

**Direção:** Ruy Guerra

**Roteiro:** Chico Buarque de Hollanda, Orlando Senna e Ruy Guerra

**Produção:** Ruy Guerra, Austra Cinema e comunicações, MK2 Productions e TF1 Films Productions

**Música:** Chico Buarque e Chiquinho de Morais

**Arranjos:** Chiquinho de Morais

**Fotografia:** Antonio Luis Mendes

**Desenho de produção:** Irenio Maia e Mauro Monteiro

**Figurino:** Maria Cecilia Motta

**Edição:** Idê Lacreta e Mair Tavares

**Coreógrafo:** Regina Miranda

**Elenco**

Edson Celulari ..... (Max Overseas)

Cláudia Ohana ..... (Ludmila Struedel)

Elba Ramalho ..... (Margot)

Fábio Sabag ..... (Otto Struedel)

J.C. Violla ..... (Geni)

Wilson Grey ..... (Sátiro)

Maria Sílvia ..... (Victoria Struedel)

Ney Latorraca ..... (Tigrão)

Cláudia Jimenez ..... (Fiorella)

Andreia Dantas ..... (Fichinha)

Ilva Niño ..... (Dóris)

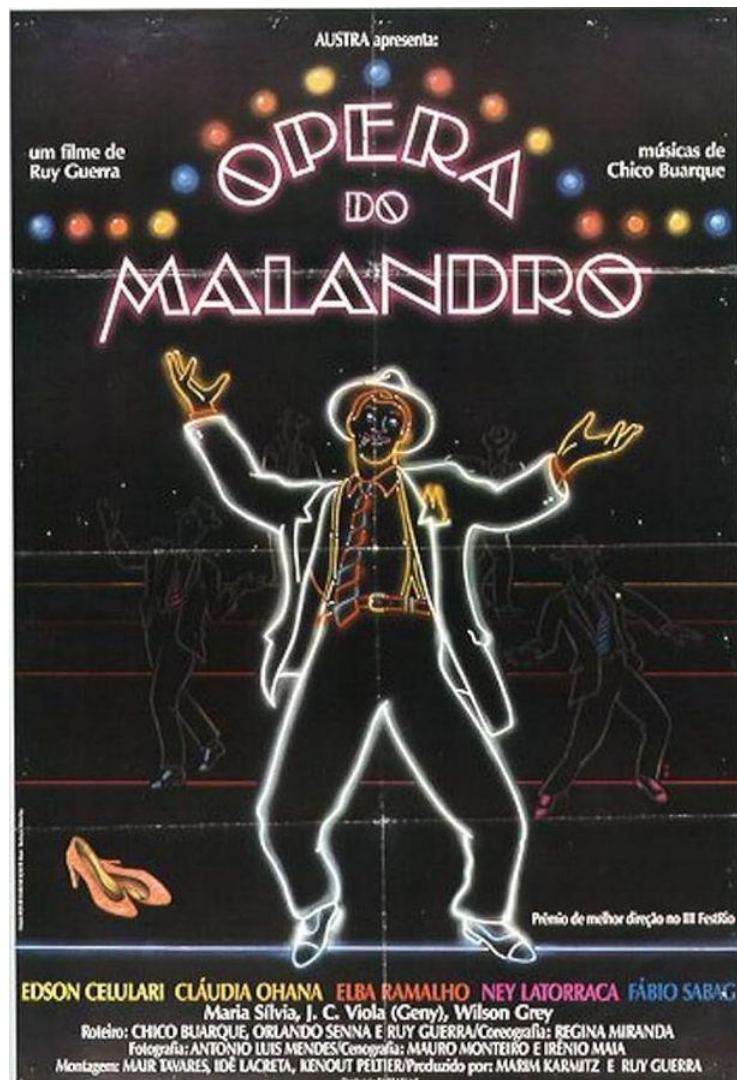
Zenaide ..... (Dorinha Tubão)

Djenane Machado ..... (Shirley Paquete)

Katia Bronstein ..... (Mimi Bibelô)

Lutero Luiz ..... (Porfírio)

Imagen 13 — Pôster



Fonte: Pôster de Divulgação do Filme de 1985.

O filme se passa em meados de 1942 e começa com o Malandro em um quarto se vestindo e saindo para a rua. Depois de passar por alguns lugares pega um pandeiro e começa a tocar.

O coro começa a tocar "A Volta do Malandro"

Imagen 14 — Max e Figurantes - Interpretado por Edson Celulari.



Fonte: Filme Ópera do Malandro - Direção Ruy Guerra.

O primeiro número musical acaba com Max e seus capangas chegando no porto para receber uma encomenda e conversam em inglês com as pessoas que trouxeram a encomenda, os quadros seguem uma linha onde mostram um grande grau de população cênica presente.

As cenas seguintes levam ao Cabaret Hamburgo onde as funcionárias cantam, "Las Muchachas de Copacabana".

A música é interrompida para que as funcionárias não se atrasem para entrar no cabaré, adotando movimentos rápidos e coreografados, após uma conversa entre Margô e Geni.

Geni e o coro cantam Tema Geni.

Geni vai anunciar a próxima e atração recita o porquê não foi convocada para servir ao exército brasileiro, já que ela e seu patrão Duran eram favoráveis à Alemanha na guerra. Max chega no cabaré de Duran e se diz pró América, Max e seus capangas começam uma briga com os pró Alemanha que estavam no cabaré e destroem o local, com um elevado número de pessoas em cena, a câmera se distancia para a chegada de Chaves.

Começa a música "Hino de Duran" cantada pelo detetive Chaves.

A câmera trabalha durante a cena em duas perspectivas, sendo a primeira muito aberta e a segunda focada no inspetor Chaves que, sozinho, canta toda a música, cercado de outros policiais. Ao final da canção Chaves manda prender e ficar todos ali, mas libera Max e pede desculpas pelo incômodo. Eles se encontram em um banheiro e conversam, Max chama Chaves de "Tigrão", e Chaves chama Max pelo seu nome de batismo, "Sebastião Pinto".

Max canta "Aquela Mulher".

Max canta a música dentro do banheiro, transitando entre os espelhos do mesmo, junto com Chaves que acompanha a movimentação com o olhar.

A cena corta para Duran conversando com alguém ao telefone que logo é desligado, e conversa com suas funcionárias, acerca dos danos causados no cabaré na noite anterior.

Durante a conversa chega Raimunda Dias, a "Fichinha", que canta Viver do Amor.

O número musical é todo coreografado com a câmera e as atrizes que o compõem, mostrando toda a transformação de Fichinha.

Duran segue a cena falando sobre pegar pessoas como Fichinha e "consertá-las". Duran em uma conversa com suas funcionárias descobre que Max que causou a confusão em seu cabaré.

Uma nova personagem se apresenta descendo do trem no filme e cantando Sentimental.

Essa é Teresinha, filha de Duran.

A cena muda para uma engraxateria onde muitos atores vestidos como malandros estão. Um malandro desafia Max para uma partida de sinuca, começa a música "Desafio do Malandro", cantada por Max e seu desafiador.

Durante toda a canção eles estão jogando sinuca, a canção é em forma de diálogo. Max perde, mas não tem dinheiro pra pagar.

A cena muda e Max agora esta conversando com Geni na rua e reclamando de Duran, Geni conta que Teresinha chegou à cidade.

Max se encontra com Teresinha em um jogo de futebol, e saem do jogo juntos. À noite do mesmo dia estão na praia e Teresinha canta "O Último Blues".

Teresinha canta e dança a música inteira sozinha enquanto Max apenas a olha.

Teresinha pega o carro e deixa Max sozinho na praia só de cueca, a mesma chega em casa e encontra seu pai e sua mãe, com quem conversa sobre o motivo da sua volta à cidade natal.

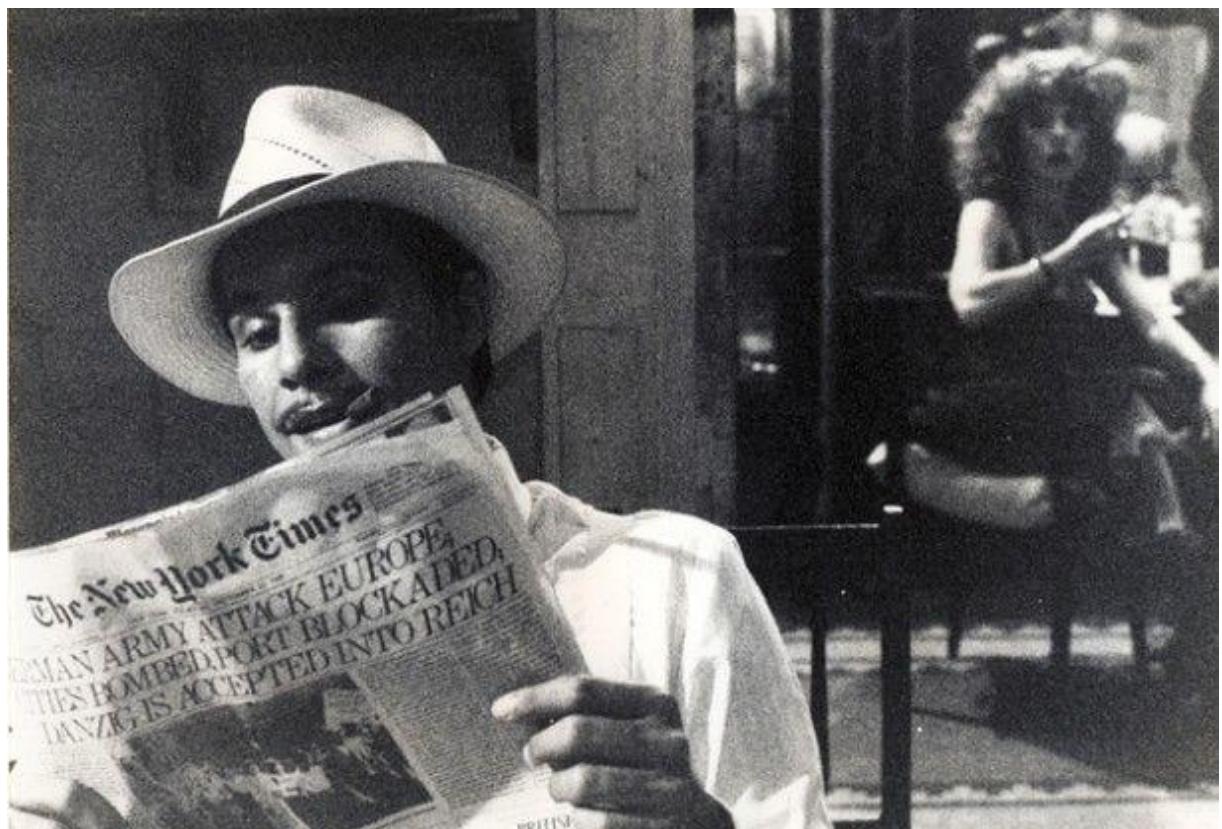
Max aparece novamente e paga sua dívida com o malandro.

Uma das funcionárias de Duran canta "Palavra de Mulher".

A câmera transita entre a personagem que canta e Max assistindo a um filme no cinema.

Ao sair do cinema Max encontra Teresinha na rua, eles conversam sobre o trabalho de Max e Teresinha se oferece para ser sócia de Max.

*Imagen 15— Max e Funcionária de Duran ao fundo - Interpretado por Edson Celulari*



Fonte: Filme Ópera do Malandro - Direção Ruy Guerra.

O mesmo se encontra com a "macacada" (seus capangas) e diz que a próxima remessa vai ser a maior que já viram.

Max conversa com Margô e Chaves, em outra cena Teresinha conversa com Duran e Vitória.

Teresinha encontra-se com Max e conversam sobre os problemas da associação dos dois.

Margô e Teresinha cantam "O meu amor".

A cena é feita pela Margô e Teresinha cantando e dançando.

Margô e Tigrão conversam na rua, descobrimos que Margô e Tigrão já tiveram um relacionamento. Chaves conversa com Duran que pede para Chaves dar um fim em Max Overseas.

Max apresenta a Teresinha seus capangas, que cantam "Tango do Covil".

Todos os capangas participam da coreografia da canção, Chaves chega à cerimônia, para a qual foi convidado para ser padrinho, mas devido à conversa que teve com Duran mudou de ideia e, depois de chegar, atira em Geni que estava no mesmo local. Max e Teresinha não se casam, ele resolve fugir e ela volta pra casa.

Vitória canta "Uma Canção Desnaturada".

Vitória canta a música enquanto Teresinha adormece em seu colo.

Margô se encontra com Max nos fundos de um bar, eles conversam sobre a relação que eles tiveram.

Na rua Tigrão chega e ameaça Max e Margo.

Max segue desafiando Tigrão até que eles começam a brigar.

Max vê que o Brasil entrou na guerra e decide que também irá entrar. Ao contar para Margô, a mesma canta "Pedaço de Mim".

Diferente do momento em que Teresinha canta na praia, aqui a Max participa e canta junto com Margô a canção. Mesmo assim, Max abandona Margô.

Após essa cena aparece um recado escrito.

"22 de agosto de 1942. O Brasil declara guerra a Hitler e ameaça confiscar os bens de todos os alemães residentes no país."

Após o recado um narrador nos conta que Max acabou se casando com Teresinha e que Chaves foi o padrinho com a benção de Duran e Vitória.

### 3.3 A PEÇA

Análise será somente dos números musicais, escolhidos como parâmetro para a análise final, na filmagem da peça Ópera do Malandro, de 2003, com direção de Charles Möeller.

Em 2003, a dupla Möeller & Botelho volta a trabalhar em cima da obra de Chico Buarque, na remontagem do musical "Ópera do Malandro", que se tornou um estrondoso sucesso de público e crítica no Rio, São Paulo e em Portugal, onde foi apresentado em duas temporadas. O espetáculo, foi uma luxuosa produção assinada por Charles (direção, cenários e figurinos) e Claudio (direção musical) trouxe 20 atores em cena, 12 músicos tocando ao vivo, três palcos giratórios montados num cenário de três andares, e 75 figurinos. Ao todo foram apresentadas 20 canções. Além das já consagradas na primeira versão, como "Folhetim" e "Geni e o Zepelim", foram inseridas músicas compostas para a adaptação cinematográfica feita por Ruy Guerra em 1985, como "Palavra de Mulher" e "Las Muchachas de Copacabana". No elenco, Alexandre Schumacher, Soraya Ravenle, Lucinha Lins, Mauro Mendonça, Cláudio Tovar, Alessandra Maestrini, Sandro Christopher, entre outros nomes.(Möeller e Botelho - <https://moellerbotelho.com.br/espetaculos/operado-malandro-2003/> - acesso em 05/09/2024)

Nesse estudo de caso todas as músicas foram transcritas diretamente da gravação do espetáculo, e há algumas diferenças em relação às letras originais, que são encontradas em gravações de estúdio e aplicativos de música.

Ficha técnica:

**Texto:** Chico Buarque

**Direção:** Charles Möeller

**Direção Musical:** Claudio Botelho

**Orquestrações:** Liliane Secco

**Regência:** André Luiz Góes

**Coreografia:** Renato Vieira

**Cenário:** Charles Möeller

**Figurino:** Charles Möeller

**Design de Luz:** Paulo César Medeiros

**Design de Som:** Branco

**Produção:** Axion Produtores Associados

## **Elenco**

Max Overseas – Alexandre Schumacher  
 Teresinha – Soraya Ravenle  
 Duran – Mauro Mendonça / Nuno Leal Maia  
 Vitória – Lucinha Lins / Selma Reis  
 Tigrão – Claudio Tovar / Thelmo Fernandes  
 Lucia – Alessandra Maestrini  
 Geni – Sandro Christopher / Thelmo Fernandes / Fernando Eiras

## **Prostitutas**

Dóris Pelanca – Ada Chaseliov  
 Fichinha – Sabrina Korgut  
 Mimi Bibelô – Ivana Domenico / Camila Caputti  
 Dorinha Tubão – Renata Celidonio  
 Shirley Paquete – Sheila Mattos / Marya Bravo  
 Jussara Pé de Anjo – Lilian Valeska  
 Catarina Blue – Maria Carolina Ribeiro / China Blue – Ester Elias

## **Malandros**

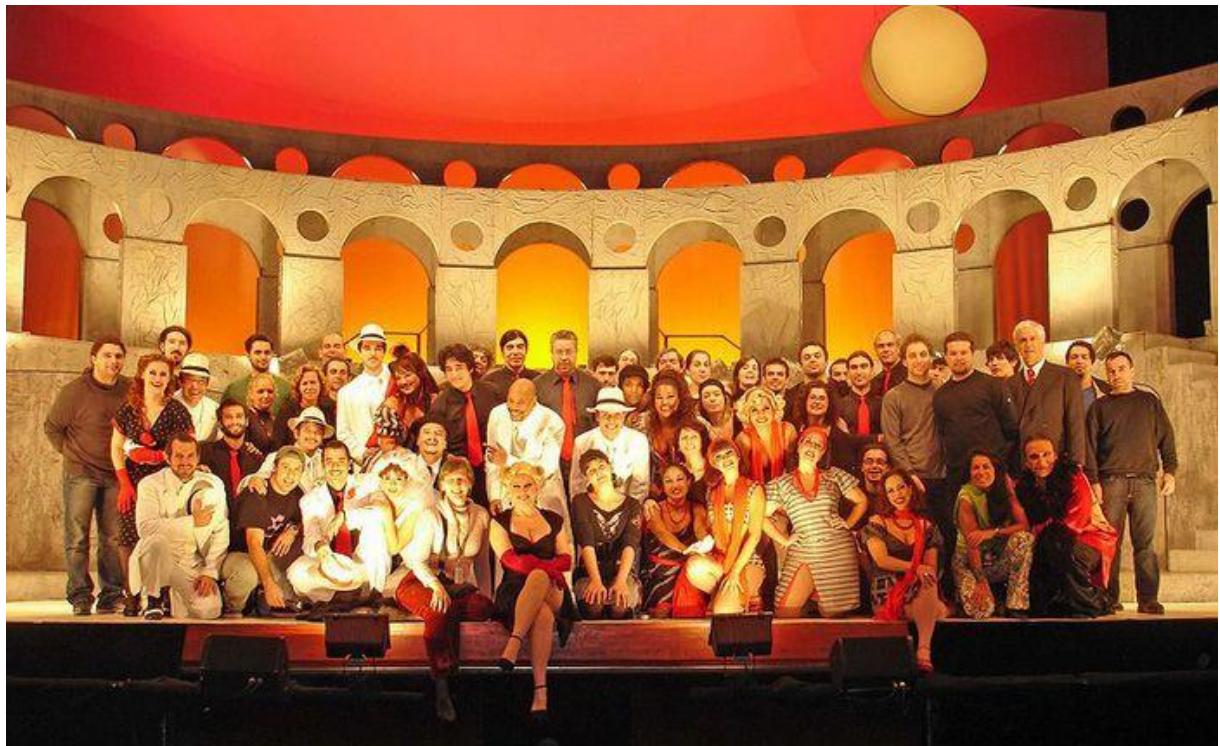
Barrabás – Claudio Lins / André Falcão  
 General Electric – Ronnie Marruda  
 Johnny Walker – Paulo Mello / Renato Rabelo  
 Phillip Morris – Mauro Gorini/Murilo Neves/Ricca Barros/Mauricio Baduh  
 Big Ben – André Falcão / Cristiano Gualda  
 Kid – Giuliano Candiago / Betto Serrador / Chris Penna

## **Músicos**

Carlos Mendes / Anderson / Cintia Zanco / Keder Candido – primeiro violino  
 Angélica Alves / Talita / Danilo Trevisan – segundo violino  
 José Völker / Tais Mendes / Anai Rosa / Renato Kutner – viola  
 Claudia Grosso Salles / Ronildo / Marisa Silveira / Fabio Petrucelli – violoncelo  
 Silvio D'Amico / Thiago Trajano / João Gaspar / Cesar Berton – violão  
 Omar Cavalheiro / Felipe Portinho – baixo  
 Vitor Motta / Fernando / Goio Lima – sax  
 Vinícius Lugon / Josué Silva / Claudio Faria / Amílcar – trompete / flugelhom  
 João Luis Areias / Wanderson / Marcos / Silvio Giannetti / Jesaias – trombone

João Bittencourt / Itamar Assieri / Adriano Souza / Christianne Neves – piano  
 Affonso Netto / Joca Morais – bateria / percussão

*Imagen 16 — Equipe de produção e elenco da peça Ópera do Malandro.*



Fonte: Retirado da Galeria de Imagens do site Möeller e Botelho.

Antes do primeiro número musical da peça na gravação analisada, o teatro aparece de forma totalmente apagada, e a peça inicia.

#### Primeiro Número Musical

#### Música "A Volta do Malandro"

A primeira cena do musical no teatro começa com um número musical de apresentação de Max Overseas o “Malandro”, e também do coro do espetáculo. A letra apresenta as principais características de um malandro que vivia no Rio de Janeiro nos anos 40, período em que a peça se passa.

Com o espaço cênico sendo totalmente utilizado a cena apresenta toda a cenografia que não mudará durante o restante do espetáculo, e trabalha elementos como figurino semelhantes entre todos os atores em cena e música. Até então a dramaturgia da narrativa que entrelaça a cena gera um "ar de mistério" em torno do

espetáculo, não revelando claramente quem é o malandro e nem quem são os outros personagens da peça.

Após uma conversa entre Duran (Pai de Teresinha, Marido de Vitória e dono de um prostíbulo) e Chaves (Inspetor de polícia que, depois de algum tempo, descobrimos ser amigo de infância de Max) por telefone, o mesmo conversa com Fichinha (uma mulher que busca um emprego e tem 17 anos) até a chegada de Vitória, que manda Fichinha ir para trás de um biombo. Vitória e Duran conversam sobre Teresinha a respeito de sua saída na noite anterior e do "Capitão" que a tinha chamado para sair. Nasce uma discussão sobre o possível casamento de Teresinha, filha dos dois.

A cena avança até os 12:24 (Doze minutos e 24 segundos) quando Fichinha volta e tem uma entrada musical.

Fichinha agora está toda arrumada e Duran muda o nome dela para Margarete.

Segundo número musical - Vitória canta "Viver do amor"

A cena aqui se apresenta com um grau de população cênica reduzida em relação ao primeiro número musical, e o que antecede o número musical demonstra um grau de hierarquização quando Duran e Vitoria se colocam como donos e patrões de diversas garotas que trabalham no prostíbulo.

Os elementos do que precede, permeia e passa o segundo número musical transitam por tensões entre atriz, voz, figurino e luz, Vitória ao lado de Fichinha ainda impõe um grau de confrontação cênica, onde se posiciona de forma que o palco seja majoritariamente seu.

Geni (ou Genivaldo) entra, e a conversa segue entre Vitória, Duran e Geni. Descobre-se que Geni trabalha para Max Overseas. A peça traz detalhes onde dá-se a entender que se passa no Brasil, no mesmo período em que acontecia a Segunda Guerra Mundial na Europa. Por vezes Geni é chamado de Genivaldo. Na mesma conversa é citado que Max casou-se na noite anterior, quando questionado sobre o nome da moça a qual Max se casou, Geni responde.

- O nome da noiva é Teresinha Fernandes de Duran.

Duran jura Max de morte por meio do inspetor Chaves.

Terceiro número musical, Duran canta o Hino de Duran.

A composição cênica lembra muito a do número musical anterior de Vitória com Duran se colocando à frente do palco e se estabelecendo como centro, criando uma unidade estética continua.

Max e Teresinha, conversam sobre o vestido de noiva, Max introduz a apresentação de seus capangas, a apresentação é intercalada com o quarto número musical a música "Tango do Covil".

*Imagen 17— Teresinha e Capangas - Interpretada por Soraya Ravenle.*



Fonte: Retirado da Galeria de Imagens do site Möeller e Botelho.

O grau de população cênica aqui aumenta e diminui conforme cada capanga se apresenta. Com a ocupação do palco sendo utilizada de forma coreografada, os

atores mantêm uma horizontalidade entre os mesmos, os elementos dramatúrgicos se complementam de forma síncrona.

Apresentação de Barrabás, o braço direito de Max, a Teresinha.

Kid, o mais jovem da turma de Max, chega alertando sobre "Tigrão", que é o inspetor Chaves.

Diálogo entre Max e Chaves, Max por vezes se refere a Chaves como "Tigresa".

Chaves e Max cantam o quinto número musical juntos, a música "Desafio do Malandro" como pergunta e resposta.

De longe a cena que mais teve hierarquização e horizontalidade se alternando: Max e Chaves são amigos de infância e, ao mesmo tempo, opositos profissionais, já que Max é um contrabandista e Chaves um inspetor de polícia. Durante a cena há momentos em que o inspetor puxa a arma para Max, mas o mesmo, conhecendo quem segura a arma, consegue contornar o assunto e fazer com que ele e Chaves caiam novamente em uma relação de horizontalidade.

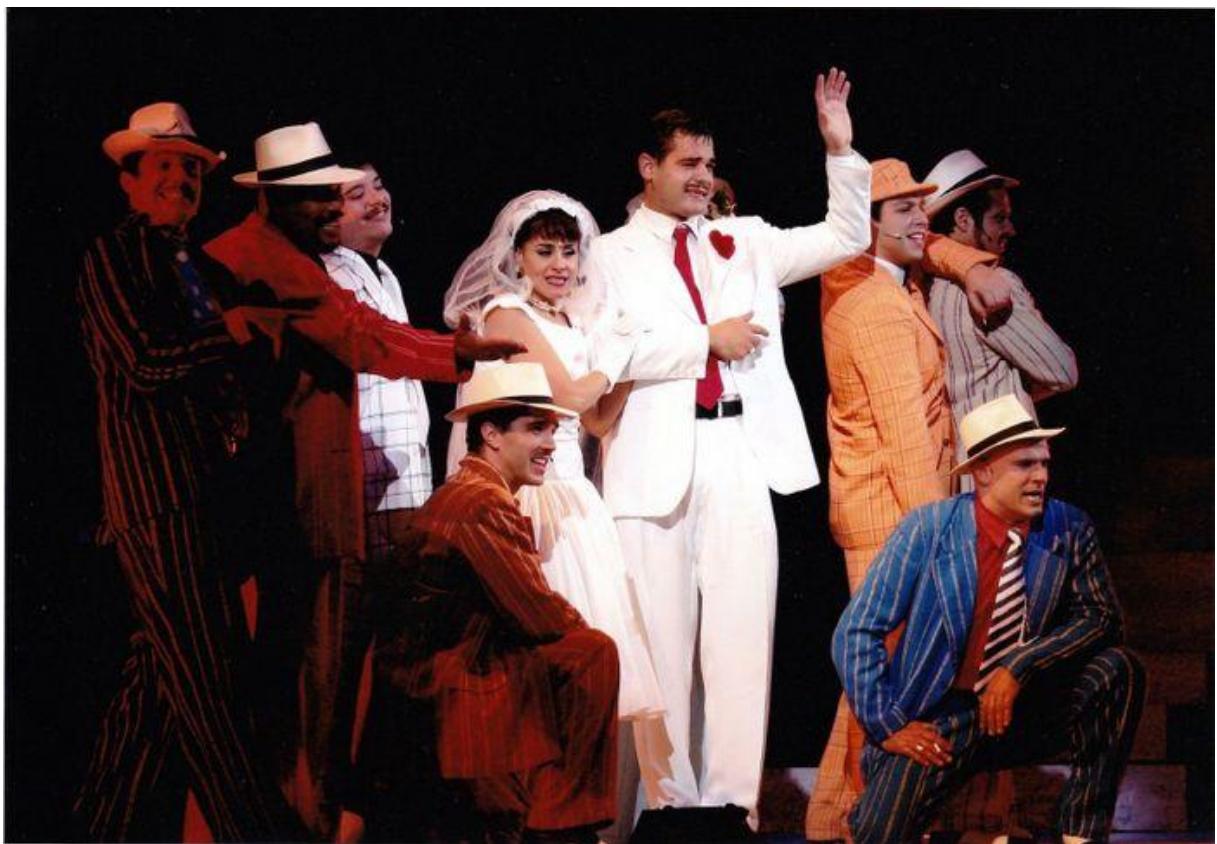
A música complementa a relação dos personagens dando, para os dois, o direito de pergunta e de resposta.

Pela primeira vez é revelado o nome real de Max Overseas - Sebastião Pinto ou, como chamado por Chaves, Tião. Diálogo entre Chaves e Tião.

Durante o diálogo Chaves menciona sua filha Lúcia (Lúcia tem uma condição de furtar tudo que a interessa, ela é Cleptomaníaca) e descobre que Duran, seu sócio, é sogro de Max.

Max e Teresinha se casam (a cena é uma reprise da noite em que Duran está ligando para Chaves, utilizando um recurso de volta no tempo) e Geni chega.

Imagen 18 — Casamento



Fonte: Retirado da Galeria de Imagens do site Möeller e Botelho.

Geni, Max, Teresinha, Chaves e os capangas cantam a música "O Casamento dos Pequenos Burgueses" no sexto número musical.

A cena do sexto número musical é inteira coreografada, com todos os que cantam também dançando, certas interrupções coreografadas e dialogadas permeiam a música. Aqui a questão da hierarquização dos personagens é quase nula, exceto pelo fato de Max e Teresinha tomarem o protagonismo em alguns momentos durante a canção.

Duran liga para o inspetor Chaves, mas ele não atende, pois estava no casamento de Max.

Vitória e Duran conversam.

Teresinha chega para pegar duas mudas de roupa e conta à família que está casada com Max Overseas.

Após uma discussão, Teresinha canta "Teresinha".

Com seus pais ao fundo e sem luz, Teresinha é o centro do espetáculo nesse momento quando falamos em população de cena, com algumas interrupções de cena de seus pais, a relação de confrontação entre os personagens no decorrer da cena se mostra em uma horizontalidade, mesmo com as discussões entre Vitoria e Duran. Ao final do sétimo número musical, o ator Mauro Mendonça, que faz Duran, quebra a quarta parede ao dizer; "Vitoria agora diga para sua filha que para o segundo ato ela já pode ir ensaiando a marcha fúnebre".

Duran e Vitória conversam sobre Teresinha. Vitória levanta a ideia de Teresinha se tornar viúva. Os mesmos comentam sobre o Inspetor Chaves e descobrem que Max e Chaves são amigos de infância.

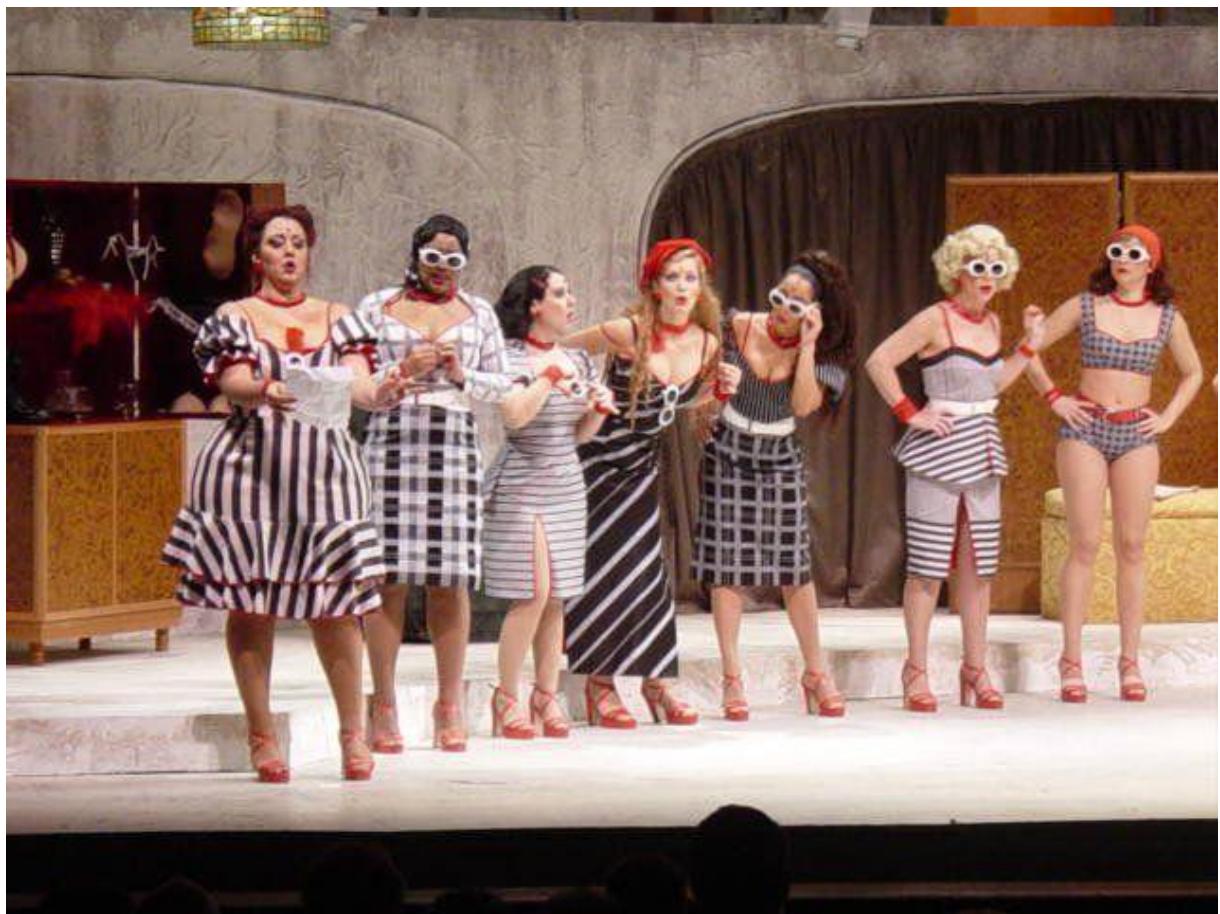
Duran tem a ideia de criar uma manchete, colocando Max como melhor amigo de Chaves, o que seria um escândalo para o Inspetor. Duran pretende usar suas funcionárias para fazer uma passeata no feriado do dia 1º de maio com suas funcionárias carregando cartazes para destruir a carreira do inspetor de Chaves.

Depois do planejamento de Duran para denunciar Chaves, Vitória diz que nunca faltou educação cristã para Teresinha, e junto com Duran canta "Uma canção desnaturalada".

Durante o oitavo número musical, Duran e Vitoria tomam a frente do palco e a atenção do público, agora com uma clara hierarquização em cena, já que Teresinha, que também está no palco, se posiciona atrás de seus pais. A população de cena aumenta conforme a gravação abre a cena o que revela que a música está sendo cantada para uma versão de Teresinha ainda criança, que posteriormente compartilharia o centro do palco com seus pais.

Duran conversa com as empregadas, sobre a invasão ao bordel, no contrato assinado pelas funcionárias existia uma cláusula, que diz que as funcionárias deveriam pagar os prejuízos da invasão ao bordel. Duran tem a ideia de criar um sindicato para suas funcionárias, onde planeja uma passeata contra a polícia por conta da invasão ao bordel.

Imagen 19 — Funcionárias de Duran



Fonte: Retirado da Galeria de Imagens do site Möeller e Botelho.

Fernandes de Duran planeja o ato do dia do trabalhador

"Somos as Muchachas de Copacabana" cantada pelas funcionárias de Duran.

O palco do teatro durante esse número musical está sendo utilizado por inteiro, a relação entre as personagens permanece o tempo todo em horizontalidade, sem nenhum aparente grau de confrontação cênica, com o palco praticamente nu, somente o cenário construído permanece. O nono número musical marca também o intervalo da peça.

A volta do intervalo é marcada por João Alegre cantando a música "Homenagem ao Malandro".

Seis personagens estão em cena, vestidos iguais ao malandro, ocupando todo o centro do palco, verificando-se assim uma unidade estética em todos os personagens.

Teresinha conta a Max o plano de seu pai Duran de fazer a manifestação. A sensação de continuidade se mantém estabelecida pela continuidade da narrativa. Max, nesse dialogo, decide fugir e deixar os negócios sob a responsabilidade de Teresinha, que pretende transformar os negócios de Max em uma empresa regularizada. Antes de fugir, Max explica para seus capangas como receber o próximo carregamento que está pra chegar, e coloca Teresinha como sua substituta nos negócios. Teresinha demite Barrabás. A música "Folhetim" começa a ser cantada por Fichinha (Margareth).

Max vai até o bordel onde estão sendo confeccionados os cartazes e apresenta a última novidade do mercado para as funcionárias de lá, o famoso Nylon. As funcionárias cantam "Ai, Se Eles Me Pegam Agora".

O número é todo coreografado, com as funcionárias ocupando grande parte do palco, a distância cênica diminui na relação personagem-personagem, mas a horizontalidade dessa relação se mantém.

Max, Chaves (Tigresa) e Geni no palco, Max e Chaves conversam, entra Vitoria. No piso térreo do palco estão os já citados e, no superior, as funcionárias com cartazes. Max descobre que Teresinha demitiu todos os seus capangas. O inspetor prende Max e a música "Hino da Repressão" começa.

Ao final do número musical, uma cela desce sobre Max. O número é marcado pelos capangas e pelas funcionárias de Duran cantando juntos no centro do palco.

Com Max ao fundo observando tudo, a cena ganha profundidade e uma horizontalidade entre todos que estão em cena.

Max e Chaves conversam.

Barrabás chega, agora com o nome de Barbosa e trabalhando na polícia para Chaves.

Lucia (Filha de chaves) aparece e diz estar grávida de Max. Eles conversam até Teresinha chegar e, após uma discussão, Teresinha canta junto com Lúcia a música "O meu amor".

Dividem a cena no número musical Lúcia e Teresinha (em primeiro plano) e Max (ao fundo). O grau de confrontação cênica entre Lúcia e Teresinha é variável durante todo o número musical, tendo momentos em que as duas chegam a uma

horizontalidade. O número acaba com Barrabás chegando e tirando Teresinha de cena.

Lúcia e Max no palco, o mesmo convence Lúcia a pegar as chaves da cela e um montante de dinheiro e trazer a ele, ela o faz e Max sai da cela com o dinheiro que havia pedido.

Max abandona Lúcia e ela canta "Palavra de Mulher".

Sozinha em cena, toda a atenção é voltada pra Lúcia. A composição da cena (figurino, cenografia, luz etc.) segue a unidade estética do espetáculo.

O número acaba com Duran e Vitória entrando em cena e Lúcia saindo. Chaves chega com a notícia da fuga de Max. Geni chega e é questionada sobre o paradeiro de Max.

Genival (Geni) conta a Duran, Vitória e Chaves o local onde Max está. Depois de hesitar Chaves diz que vai matar Max. Geni canta "Geni e o Zepelim".

Com Geni ao centro e todo o elenco ao fundo fazendo o coro, a hierarquização está agora toda voltada pra Geni, que canta diversas partes da música sozinha.

Max volta para a prisão e é visitado por Teresinha, que diz ter gastado todo o dinheiro do cofre para regularizar a empresa de Max.

Duran, Chaves e Vitória entram em cena e conversam sobre a manifestação e a morte de Max.

Teresinha e Max cantam juntos "Pedaço de Mim".

Em horizontalidade, sem uma clara confrontação cênica aparente, a relação entre os dois se torna, a cada momento mais próxima.

Chaves atira em Max, mas o Produtor (João alegre) aparece e fala que trocou as armas, alegando que "essa é a ópera do Malandro, mas acima de tudo é um musical e todo musical precisa de um final feliz."

João alegre canta "Ópera".

A cena segue a unidade estética de todo o musical, com o grau de população cênica ocupando toda a cena e trabalhando o a hierarquização dos personagens e o jogo de tensões.

Agora, com todo o elenco no palco, Max recita "O Malandro 2".

O último número do musical é composto por todos os atores e atrizes em cena, com apenas Max recitando a música do "O Malandro".

## 4 EM RELAÇÃO

O quarto capítulo irá misturar conceitos da física colocando em relação com o teatro e o audiovisual. Esses conceitos físicos são a noção de estabilidade estrutural e a de bifurcações.

"A noção de estabilidade estrutural está intimamente ligada ao conceito de equilíbrio de uma estrutura. A estabilidade de um sistema pode ser simplificadamente definida como a capacidade de um sistema voltar à posição original após sofrer uma pequena perturbação, como é o caso de uma força externa." (PERES, 2011, p. 29).

Já o conceito de bifurcação de Rewald é definida como:

"(...) como resultante de instabilidades (internas ou externas) em sistemas longe do equilíbrio. As instabilidades tiram o sistema de seu percurso único e linear e abrem diversas possibilidades de evolução ao sistema, o qual tem que optar por uma delas. A bifurcação é o ponto crítico a partir do qual uma possibilidade é escolhida, enquanto as outras se perdem para sempre." (REWALD, 2005, p. 4).

Esses dois conceitos trabalham juntos dentro da física, onde a noção de estabilidade estrutural muitas vezes precede a noção de bifurcações.

Sendo um texto teatral a base de um espetáculo, o mesmo é um sistema instável, já que pode sofrer alterações quando montado por diferentes diretores e realizado de diferentes formas, por exemplo quando transformado em um audiovisual. Para essa análise utilizei um parâmetro que se repete nos casos estudados, que são os números musicais. Focarei nos números musicais que se repetem nos três casos, para um melhor desenvolvimento da teoria das bifurcações, verificando quando o sistema abandona uma possibilidade e a perde para sempre. Apenas quatro números musicais se repetem nos três casos, e será neles que será concentrada a análise.

Os quatro números musicais que se repetem são; "Viver de Amor", "Tango no Covil", "O Meu Amor" e "Pedaço de Mim".

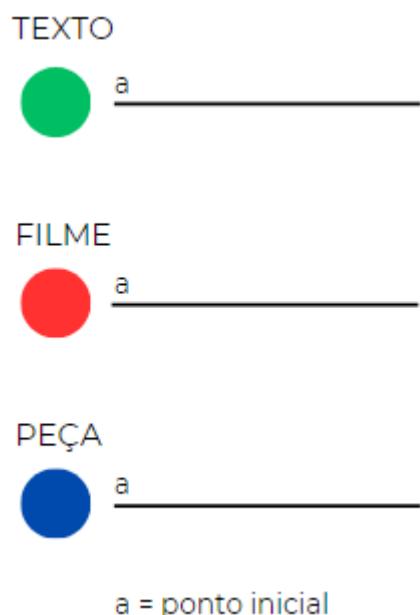
Diferentemente do texto de 1978, que começa com o produtor introduzindo o espetáculo ao público e posteriormente cantando a música "O Malandro", o filme de

1985 e a peça de 2003 não adotam o mesmo início, mas começam diretamente no que estaria indicado como prólogo no texto, porém com a canção "A volta do Malandro".

Para essa análise utilizarei diagramas com o intuito de destacar os parâmetros e sinalizar a forma como as bifurcações se comportam dentro dos casos estudados.

Na Figura 1 podemos observar os 3 casos em estabilidade, sem que nada altere seu percurso, esse é o início dos casos estudados.

Figura 1 — Diagrama - Sistemas em estabilidade



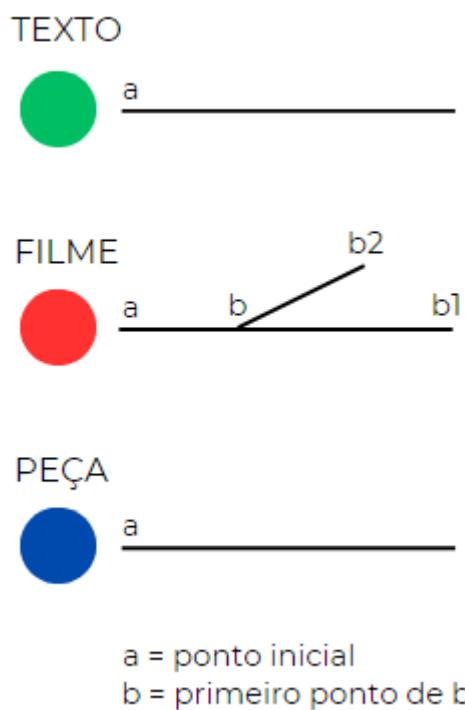
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Logo após, no primeiro número musical, a canção "Viver de amor" é cantada na versão textual e teatral, gerando a primeira bifurcação na versão audiovisual, onde optou-se por seguir com a música "Las Muchachas de Copacabana", que se repete apenas no próprio filme e na peça. É importante lembrar que segundo a edição do Jornal do Brasil de 19 agosto de 1985:

"Um musical sem nenhum bom-caráter. Essa premissa é garantida por Rui Guerra, no primeiro dia de filmagem de Ópera do Malandro, inspirado na peça de Chico Buarque - que, além de trabalhar no roteiro ao lado do diretor e de Orlando Senna, compôs oito novas músicas para o filme." Susana Schild. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 ago. 1985.

Isso significa que mesmo depois do texto original ser finalizado, seu autor Chico Buarque ainda criou outras músicas para utilizar na versão audiovisual, criando uma instabilidade no sistema, adicionando parâmetros que só são (a partir desse momento) possíveis de se repetir em novas montagens do mesmo.

Figura 2 — Primeiro ponto de bifurcação do filme

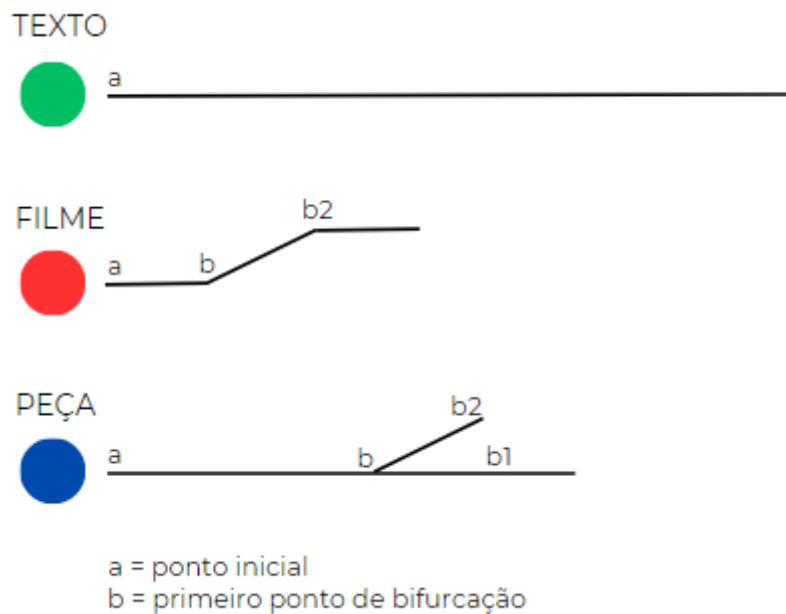


Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A escolha do diretor do filme de não seguir o texto original cria o primeiro ponto de bifurcação onde b1 é a versão onde se canta a música "Viver de amor" e b2 é a versão onde se canta a música "Las Muchachas de Copacabana", logo b1 se perde para sempre quando, no filme, a música interpretada é "Las Muchachas de Copacabana".

A música "Viver de Amor" será cantada no filme somente no quinto número musical, a essa altura a peça também desenvolveu uma bifurcação, quando a música "Hino de Duran" é cantada no lugar de "Tango no Covil", tendo sempre como referencial o texto original, como no exemplo.

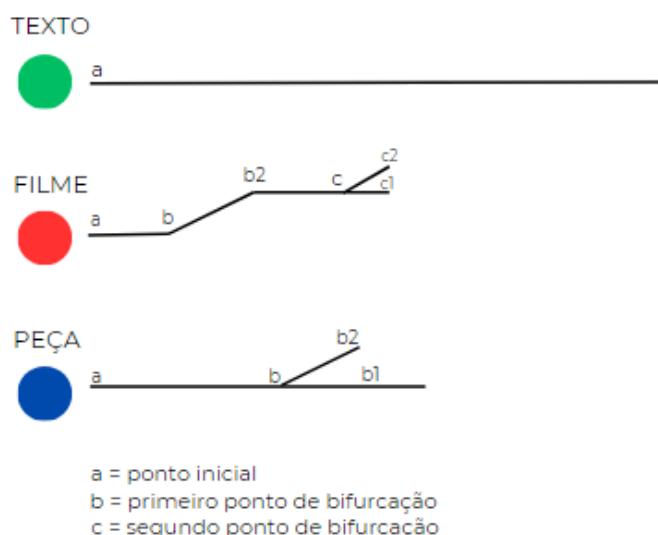
Figura 3 — Primeiro ponto de Bifurcação da peça



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

No filme o segundo e o terceiro pontos de bifurcação são seguidos, colocando o número musical "O Meu Amor" antes de "Tango no Covil", criando duas bifurcações seguidas.

Figura 4 — Segunda ponto de bifurcação do filme



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Figura 5 — Terceiro ponto de bifurcação no filme

TEXTO



FILME



PEÇA



a = ponto inicial

b = primeiro ponto de bifurcação

c = segundo ponto de bifurcação

d = terceiro ponto de bifurcação

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Apenas uma música após o terceiro ponto de bifurcação o filme termina suas bifurcações, no parâmetro usado neste trabalho.

Figura 6 — Quarto ponto de bifurcação do filme

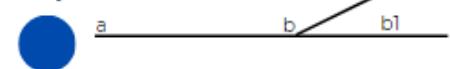
TEXTO



FILME



PEÇA



a = ponto inicial

b = primeiro ponto de bifurcação

c = segundo ponto de bifurcação

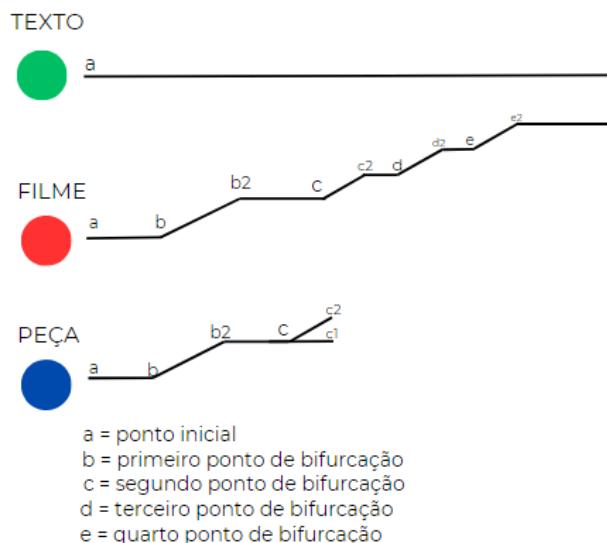
d = terceiro ponto de bifurcação

e = quarto ponto de bifurcação

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Agora tratando somente da peça e dos três pontos de bifurcação restantes, "Tango no Covil", no texto é o terceiro número musical. Já na peça, é o quarto.

Figura 7 — Segundo ponto de bifurcação na peça

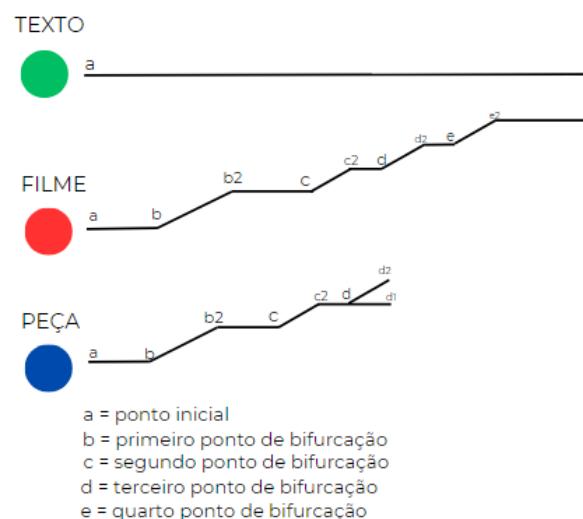


Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Os sistemas (filme e peça) são avaliados da mesma forma e com o mesmo número de possíveis bifurcações, levando a um gráfico muito parecido.

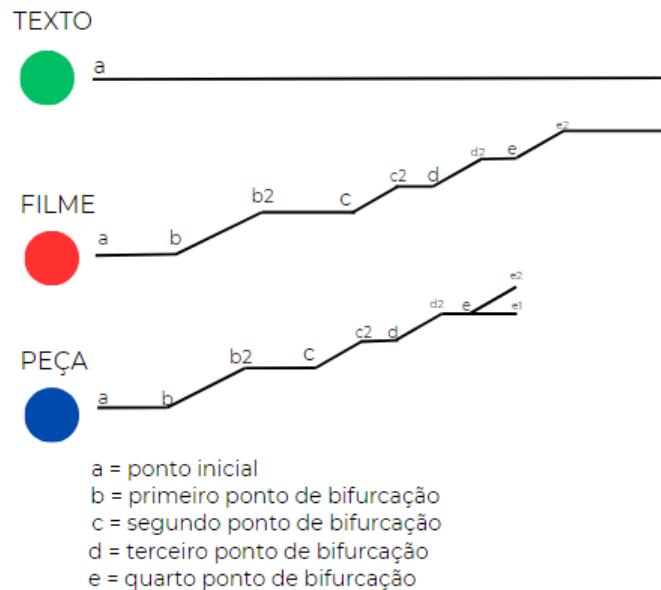
Abaixo deixo os próximos dois pontos de bifurcação da peça.

Figura 8 — Terceiro ponto de bifurcação da peça



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

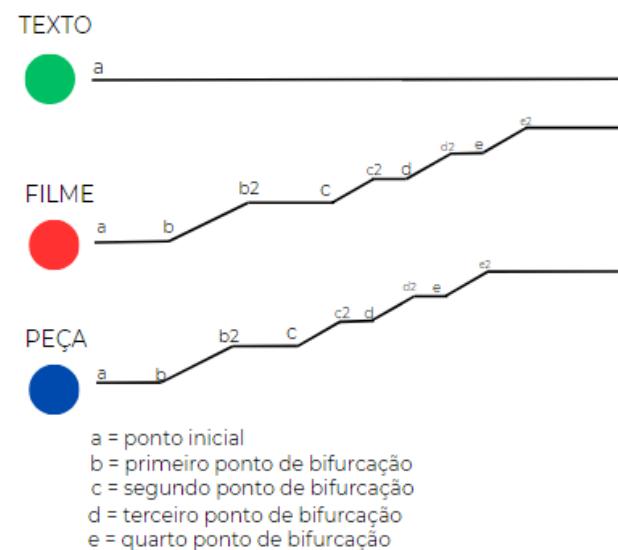
Figura 9 — Quarto ponto de bifurcação do filme



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O gráfico final das bifurcações, onde são avaliados somente os pontos comuns entre os três casos, fica da seguinte forma:

Figura 10 — Gráfico final estudo onde os parâmetros se repetem em todos os casos

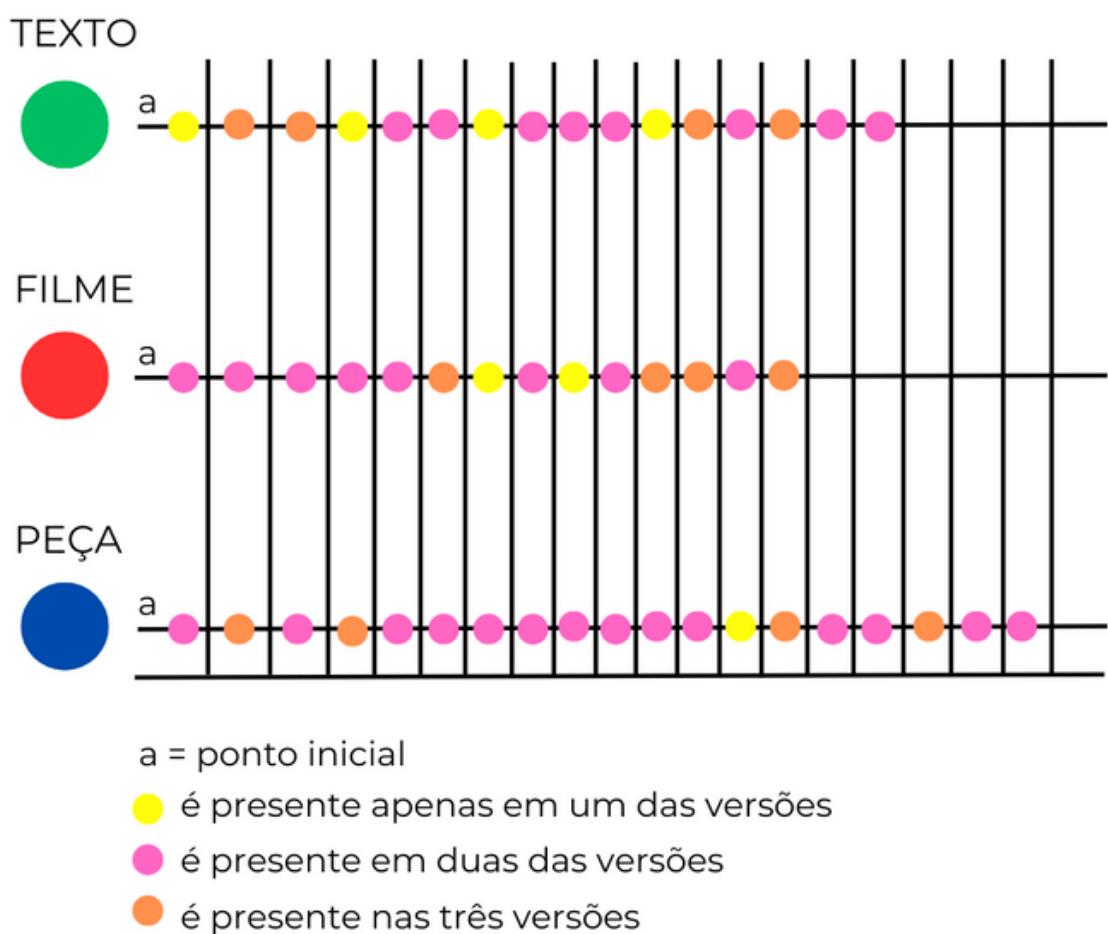


Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Para elucidar a quantidade de possíveis bifurcações na análise dos casos separadamente, deixo aqui um gráfico onde é possível verificar a quantidade de possibilidades que ocorrem em um sistema instável:

Figura 11 — Gráfico geral - Possibilidades de bifurcações.

O texto Ópera do Malandro tem 16 números musicais;  
 O filme Ópera do Malandro tem 14 números musicais;  
 O espetáculo Ópera do Malandro tem 19 números musicais;



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Figura 12 — Relação de músicas com os casos

## Relação das músicas entre os casos

TEXTO	FILME	PEÇA
O Malandro	A Volta do Malandro	A Volta do Malandro
<b>Viver do Amor</b>	Las Muchachas de Copacabana	<b>Viver do amor</b>
<b>Tango do Covil</b>	Hino de Duran	Hino de Duran
Doze anos	Aquela Mulher	<b>Tango do Covil</b>
Casamento dos Pequenos Burgueses	<b>Viver do Amor</b>	Desafio do Malandro
Teresinha	Sentimental	O Casamento dos Pequenos Burgueses
Sempre em Frente	Desafio do Malandro	Teresinha
Homenagem ao Malandro	O Último Blues	Uma canção desnaturada
Folhetim	Palavra de Mulher	Somos as muchachas de copacabana
Ai, se Eles Me Pegam Agora	<b>O meu amor</b>	Homenagem ao malandro
Se Eu Fosse o Teu Patrão	<b>Tango do Covil</b>	Folhetim
<b>O Meu Amor</b>	Uma Canção Desnaturada	Ai, Se Eles Me Pegam Agora
Geni e o Zepelim	<b>Pedaço de Mim</b>	Hino da Repressão
<b>Pedaço de Mim</b>		<b>O meu amor</b>
Ópera		Palavra de Mulher
O Malandro N.º 2		Geni e o Zepelim
		<b>Pedaço de Mim</b>
		Ópera
		O Malandro N.º 2

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de escrita deste trabalho novas camadas foram sendo descobertas e trabalhadas. Uma dessas camadas foi tratar o texto escrito em 1978 como um texto instável em sua estrutura, ou seja, as músicas podem ser reorganizadas dentro do texto e ainda assim o texto se mantém sendo a Ópera do Malandro. Essa última observação é uma relação das versões com o paradoxo do Navio de Teseu, que faz o seguinte questionamento: imagine que Teseu parte, a navio, de um ponto A até um ponto B. Porém, ao longo da viagem, que durou cerca de 50 anos, as peças da embarcação vão sendo substituídas conforme se desgastam e, eventualmente, todas as partes teriam sido trocadas. Fica então o questionamento: o navio que chegou em B seria o mesmo que partira de A, ou já poderia ser considerado outro?

Diante do estudo apenas dos textos, das três versões, é viável dizer que são diferentes os textos e a montagem, assim o texto de 1978 é o navio que sai do ponto A, o filme de 1985 e a peça de 2003 são dois pontos B. Por mais que nessa análise o ponto A se bifurque em 2 pontos B, as duas versões posteriores ao texto de 1978, ainda são a Ópera do Malandro por conta dos demais elementos que compõem a história como, a ação dramática, personagens, unidade estética, músicas etc.

A pesquisa teve como objetivo investigar e analisar como diferentes versões de um mesmo objeto criam diversas possibilidades. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, foram realizadas leituras de artigos, dissertações, jornais e revistas, os quais foram essenciais para o entendimento de cada momento que atravessou a pesquisa.

Em um primeiro momento de leitura, tive dificuldades em realizar o mesmo tipo de análise em versões que se diferem quanto estrutura (texto, audiovisual e teatral), por conta disso optei por fazer um resumo do texto de 1978 que foi utilizado como base para a comparação na análise final, uma descrição do filme de 1985, para situar melhor o leitor de como se comportava tal obra, e uma análise mais aprofundada da montagem filmada de 2003, onde pude observar elementos teatrais que se repetem e que estão presentes durante todo o espetáculo.

Em um segundo momento a pesquisa tratou de colocar as três versões em relação, onde foi realizada a comparação das mesmas buscando flutuações e ruídos que alteravam de alguma forma o caminho traçado pelo autor do texto em 1978.

Os resultados se baseiam em teorias da física onde se destaca a teoria da bifurcação, os objetos analisados tinham o mesmo parâmetro (números musicais), por isso a análise poderia ser realizada.

Essa investigação proporcionou uma visão detalhada do espetáculo e um entendimento maior acerca de como textos teatrais se transformam, de sua criação a montagens posteriores.

Em conclusão a pesquisa contribuiu para o desenvolvimento acadêmico do aluno e ofereceu uma base de como se estudar textos teatrais e analisar apresentações de espetáculos.

## REFERÊNCIAS

1928: Estreia "Ópera dos três vinténs", de Brecht-Weill. dw.com. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1928-estreia-%C3%B3pera-dos-tr%C3%AAs-vint%C3%A3s-de-brecht-weill/a-619827>. Acesso em: 21 fev. 2024.

A MÖELLER & BOTELHO. Disponível em: <https://moellerbotelho.com.br/moeller-e-botelho/a-dupla/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

ARDAIS, Débora Amorim Garcia. **Movimentos de escritura em John Gay, autor de 'The Beggar's Opera'** Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BIOGRAFIAS: Charles Möeller, Claudio Botelho. [moellerbotelho.com.br](https://moellerbotelho.com.br/moeller-e-botelho/a-historia/). Disponível em: <https://moellerbotelho.com.br/moeller-e-botelho/a-historia/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

BONFITTO, Matteo. Tecendo os sentidos: a dramaturgia como textura. **Pitágoras 500**, v. 1, n. 1, p. 56-61, 2011.

CHICO, Buarque: In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12512/chico-buarque>. Acesso em: 21 dez. 2023.

CORRÊA, Luís Antônio Martinez . **Luís Antônio Martinez Corrêa**. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa349395/luis-antonio-martinez-correa>. Acesso em: 23 mar. 2024.

CUNHA, Vasco Soares de Oliveira. Bertolt Brecht (1898–1956). Vida e Obra. **Millenium**, v. 45, p. 169-179, 2013.

CURY, José João. A quantificação da narrativa teatral. **Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura**, v. 1, n. 1, 1999.

Fernández, Tomás y Tamaro, Elena: «Biografía de John Gay»: En Biografías y Vidas. La encyclopédia biográfica en línea [Internet].. Barcelona, España, 2004. Disponível em: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/g/gay.htm> . Acesso em: 21 dez. 2023.

FERREIRA, Marta Ap Paulo ; MARQUES, Murillo. O TEXTO FALADO: TRANSPOSIÇÃO DO TEXTO ESCRITO PARA O TEXTO FALADO NA PEÇA

TEATRAL ÓPERA DO MALANDRO DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA..  
**Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas ISSN 2446-6115**, v. 2, n. 1, p. 132-146, 2015.

FILHO, Lindberg Campos. **Sobre A Ópera do Mendigo (1728) de John Gay**. medium.com. Disponível em: <https://medium.com/@bergfilho/em-1728-estreou-a-pe%C3%A7a-the-beggars-opera-a-%C3%B3pera-do-mendigo-do-ingles-john-gay-e-que-logo-se-c403ded0709c>. Acesso em: 13 fev. 2024.

FRAZÃO, Dilva. **Chico Buarque de Holanda Músico, dramaturgo e escritor brasileiro**: Biografia de Chico Buarque de Holanda. ebiografia.com. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/chico\\_buarque/](https://www.ebiografia.com/chico_buarque/). Acesso em: 23 mar. 2024.

HOLLANDA, Chico Buarque de. **Ópera do Malandro**: Comédia Musical. 1 ed. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1978. 248 p.

JOHN Gay: 1685–1732. poetryfoundation.org. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poets/john-gay>. Acesso em: 13 fev. 2024.

LEONE, Sueli Regina. Três óperas às avessas: elos intertextuais . **Cadernos de Pós-Graduação em Letras** , v. 3, n. 1, p. 13-24, 2004.

LUÍS, Antônio Martinez Corrêa: In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa349395/luis-antonio-martinez-correa>. Acesso em: 21 dez. 2023.

MORAIS, Paulo Coutinho Duarte Capela . **A Ópera dos três Vinténs (Kurt Weill / Bertold Brecht)**. sociologiarte.wordpress.com. Disponível em: <https://sociologiarte.wordpress.com/2013/06/14/a-opera-dos-tres-vintens-kurt-weill-bertold-brecht/>. Acesso em: 21 fev. 2024.

PERES, Miguel Sarmento. **Estabilidade de colunas de nós com deslocamentos parcialmente restringidos**: 2011. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, UN: FCT, Lisboa.

REWALD, Rubens. **Caos/dramaturgia**. 2005.

RUY GUERRA: Biografia. adorocinema.com. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-204/biografia/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

TEATRO, Épico: In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo617/teatro-epico>. Acesso em: 21 dez. 2023.

TEIXEIRA, Thiago Plaza . **Introdução à Ópera Italiana (de 1600 a 1800)**. claritaspulchri.com.br. Disponível em: <https://claritaspulchri.com.br/introducao-a-opera-italiana-de-1600-a-1800/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

VALENTE, Augusto . **Mendigo, Três Vinténs, Malandro: a trajetória de uma antiópera**. DW.com. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/mendigo-tr%C3%A3s-vint%C3%A9ns-malandro-a-trajet%C3%B3ria-de-uma-anti%C3%B3pera/a-16570794>. Acesso em: 13 fev. 2024.

## ANEXO A — Canções dos casos analisados

### 6 CANÇÕES PRESENTES NO TEXTO 1978

#### 1. “O malandro”

O malandro / Na dureza  
 Senta à mesa / Do café  
 Bebe um gole / De cachaça  
 Acha graça / E dá no pé  
 O garçom no / Prejuízo  
 Sem sorriso / Sem freguês  
 De passagem / Pela caixa  
 Dâ uma baixa / No português  
 O galego / Acha estranho  
 Que o seu ganho / Tá um horror  
 Pega o lápis / Soma os canos  
 Passa os danos / Pro distribuidor  
 Mas o frete / Vê que ao todo  
 Há engodo / Nos papéis  
 E pra cima / Do alambique  
 Dá um trambique / De cem mil réis  
 O mineiro / Nessa luta  
 Grita puta / Que o pariu  
 Não é idiota / Trunca a nota  
 Lesa o Banco / Do Brasil  
 Nosso banco/Tá cotado  
 No mercado/Exterior  
 Então taxa/A cachaça

A um preço/Assustador  
 Mas os ianques/Com seus tanques  
 Têm bem mais o/Que fazer  
 E proíbem /Os soldados  
 Aliados/De beber  
 A cachaça/Tá parada  
 Rejeitada/No barril  
 O alambique/Tem chilique  
 Contra o Banco/Do Brasil  
 O usineiro/Faz barulho  
 Com orgulho/De produtor  
 Mas a sua/Raiva cega  
 Descarrega/No carregador  
 Este chega/Pro galego  
 Nega arreglo/Cobra mais  
 A cachaça /Tá de graça  
 Mas o frete/Como é que faz?  
 O galego/Tá apertado  
 Pro seu lado /Não tá bom  
 Então deixa/Congelada  
 A mesada/Do garçom  
 O garçom vê/Um malandro  
 Sai gritando/Pega ladrão  
 E o malandro/Autuado  
 É julgado e condenado culpado  
 Pela situação

#### 2. “Viver do Amor”

Pra se viver do amor  
 Há que esquecer o amor  
 Há que se amar  
 Sem amar  
 Sem prazer  
 E com despertador  
 — como um funcionário  
 Há que penar no amor  
 Pra se ganhar no amor  
 Há que apanhar  
 E sangrar  
 E suar  
 Como um trabalhador

Ai, o amor  
 Jamais foi um sonho  
 O amor, eu bem sei  
 Já provei  
 E é um veneno medonho  
 É por isso que se há de entender  
 Que o amor não é um ócio  
 E compreender  
 Que o amor não é um vício  
 O amor é sacrifício  
 O amor é sacerdócio  
 Amar  
 É iluminar a dor  
 como um missionário

### 3. “Tango do Covil”

Ai, quem me dera ser cantor  
 Quem dera ser tenor  
 Quem sabe ter a voz  
 Igual aos rouxinóis  
 Igual ao trovador  
 Que canta os arrebóis  
 Pra te dizer gentil  
 Bem-vinda  
 Deixa eu cantar tua beleza  
 Tu és a mais linda princesa  
 Aqui deste covil  
 Ai, quem me dera ser doutor  
 Formado em Salvador  
 Ter um diploma, anel  
 E voz de bacharel  
 Fazer em teu louvor  
 Discursos a granel  
 Pra te dizer gentil  
 Bem-vinda  
 Tu és a dama mais formosa  
 E, ouso dizer, a mais gostosa  
 Aqui deste covil  
 Ai, quem me dera ser garçom  
 Ter um sapato bom  
 Quem sabe até talvez  
 Ser um garçom francês  
 Vaiar de champinhom  
 Falar de molho inglês  
 Pra te dizer gentil  
 Bem-vinda  
 És tão graciosa e tão miúda  
 Tu és a dama mais tesuda  
 Aqui deste covil  
 Ai, quem me dera ser Gardel  
 Tenor e bacharel

### 5. “Casamento dos Pequenos Burgueses”

Ele faz o noivo correto  
 E ela faz que quase desmaia  
 Vão viver sob o mesmo teto  
 Até que a casa caia  
 Até que a casa caia  
 Ele é o empregado discreto  
 Ela engoma o seu colarinho

Francês e rouxinol  
 Doutor em champinhom  
 Garçom em Salvador  
 E locutor de futebol  
 Pra te dizer febril  
 Bem-vinda  
 Tua beleza é quase um crime  
 Tu és a bunda mais sublime  
 Aqui deste covil

### 4. “Doze anos”

Ai que saudades que eu tenho  
 Dos meus doze anos  
 Que saudade ingrata  
 Dar banda por aí  
 Fazendo grandes planos  
 E chutando lata  
 Trocando figurinha  
 Matando passarinho  
 Colecionando minhoca  
 Jogando muito botão  
 Rodopiando pião  
 Fazendo troca-troca  
 Ai que saudades que eu tenho  
 Duma travessura  
 O futebol de rua  
 Sair pulando muro  
 Olhando fechadura  
 E vendo mulher nua  
 Comendo fruta no pé  
 Chupando picolé  
 Pé-de-moleque, paçoca  
 E disputando troféu  
 Guerra de pipa no céu  
 Concurso de piroca

Vão viver sob o mesmo teto  
 Até explodir o ninho  
 Até explodir o ninho  
 Ele faz o macho irrequieto  
 E ela faz crianças de monte  
 Vão viver sob o mesmo teto  
 Até secar a fonte  
 Até secar a fonte  
 Ele é o funcionário completo  
 E ela aprende a fazer suspiros

Vão viver sob o mesmo teto  
 Até trocarem tiros  
 Até trocarem tiros  
 Ele tem um caso secreto  
 Ela diz que não sai dos trilhos  
 Vão viver sob o mesmo teto  
 Até casarem os filhos  
 Até casarem os filhos  
 Ele fala de cianureto  
 E ela sonha com formicida  
 Vão viver sob o mesmo teto  
 Até que alguém decida  
 Até que alguém decida  
 Ele tem um velho projeto  
 Ela tem um monte de estrias  
 Vão viver sob o mesmo teto  
 Até o fim dos dias  
 Até o fim dos dias  
 Ele às vezes cede um afeto  
 Ela só se despe no escuro  
 Vão viver sob o mesmo teto  
 Até um breve futuro  
 Até um breve futuro  
 Ela esquenta a papa do neto  
 E ele quase que fez fortuna  
 Vão viver sob o mesmo teto  
 Até que a morte os uma  
 Até que a morte os uma

#### 6. “Teresinha”

O primeiro me chegou  
 Como quem vem do florista  
 Trouxe um bicho de pelúcia  
 Trouxe um broche de ametista  
 Me contou suas viagens  
 E as vantagens que ele tinha  
 Me mostrou o seu relógio  
 Me chamava de rainha  
 Me encontrou tão desarmada  
 Que tocou meu coração  
 Mas não me negava nada  
 E assustada eu disse não  
 O segundo me chegou  
 Como quem chega do bar  
 Trouxe um litro de aguardente  
 Tão amarga de tragar  
 Indagou o meu passado  
 E cheirou minha comida

Vasculhou minha gaveta  
 Me chamava de perdida  
 Me encontrou tão desarmada  
 Que arranhou meu coração  
 Mas não me entregava nada  
 E assustada eu disse não  
 O terceiro me chegou  
 Como quem chega do nada  
 Ele não me trouxe nada  
 Também nada perguntou  
 II  
 Mal sei como ele se chama  
 Mas entendo o que ele quer  
 Se deitou na minha cama  
 E me chama de mulher  
 Foi chegando sorrateiro  
 E antes que eu dissesse não  
 Se instalou feito um posseiro  
 Dentro do meu coração

#### 7. “Sempre em Frente”

Sempre em frente  
 Sempre em frente  
 Mãos-de-obra sem temor  
 Mãos ardentes  
 Em corrente  
 Prum futuro de esplendor  
 Nós daremos nossas pernas  
 Nós daremos nossos braços  
 Ao senhor dos nossos gestos  
 Ao senhor dos nossos passos  
 Somos a musculatura  
 Nervos, tripas e pulmão  
 A serviço  
 Da cabeça  
 Que conduz um corpo são  
 Sempre em frente  
 Sempre em frente  
 Etc.

#### 8. “Homenagem ao Malandro”

Eu fui fazer  
 Um samba em homenagem  
 A nata da malandragem  
 Que conheço de outros  
 carnavais  
 Eu fui à Lapa

E perdi a viagem  
 Que aquela tal malandragem  
 Não existe mais  
 Agora já não é normal  
 O que dá de malandro  
 Regular, profissional  
 Malandro com aparato  
 De malandro oficial  
 Malandro candidato  
 A malandro federal  
 Malandro com retrato  
 Na coluna social  
 Malandro com contrato  
 Com gravata e capital  
 Que nunca se dá mal  
 Mas o malandro pra valer  
 Só espalha  
 Aposentou a navalha  
 Tem mulher e filho  
 E tralha e tal  
 Dizem as más línguas  
 Que ele até trabalha  
 Mora lá longe e chacoalha  
 Num trem da Central

#### 9. “Folhetim”

Se acaso me quiseres  
 Sou dessas mulheres  
 Que só dizem sim  
 Por uma coisa à toa  
 Uma noitada boa  
 Um cinema, um botequim  
 E se tiveres renda  
 Aceito uma prenda  
 Qualquer coisa assim  
 Como uma pedra falsa  
 Um sonho de valsa  
 Ou um corte de cetim  
 E eu te farei as vontades  
 Direi meias verdades  
 Sempre à meia-luz  
 E te farei, vaidoso, supor  
 Que és o maior  
 E que me possuis  
 Mas na manhã seguinte  
 Não conta até vinte  
 Te afasta de mim  
 Pois já não vales nada

És página virada  
 Descartada do meu folhetim

#### 10. “Aí, se Eles Me Pegam Agora”

Ai, se mamãe me pega agora  
 De anágua e de combinação  
 Será que ela me leva embora  
 Ou não  
 Será que vai ficar sentida  
 Será que vai me dar razão  
 Chorar sua vida vivida  
 Em vão  
 Será que faz mil caras feias  
 Será que vai passar carão  
 Será que calça as minhas meias  
 E sai deslizando  
 Pelo salão  
 suas  
 Eu quero que mamãe me veja  
 Pintando a boca em coração  
 Será que vai morrer de inveja  
 Ou não  
 Ai, se o papai me pega agora  
 Abrindo o último botão  
 Será que ele me leva embora  
 Ou não  
 Será que fica enfurecido  
 Será que vai me dar razão  
 Chorar o seu tempo vivido  
 Em vão  
 Será que ele me trata a tapa  
 E me sapeca um pescoçoão  
 Ou abre um cabaré na Lapa  
 E aí me contrata  
 Como atração  
 Será que me põe de castigo  
 Será que ele me estende a mão  
 Será que o pai dança comigo  
 Ou não  
*Max executa um solo de sapateado; em seguida elas retomam a canção.*  
 Será que me põe de castigo  
 Será que ele me estende a mão  
 Será que o pai dança comigo  
 Ou não

### 11. “Se Eu Fosse o Teu Patrão”

#### ELES

Eu te adivinhava  
 E te cobiçava  
 E te arrematava em leilão  
 Te ferrava a boca, morena  
 Se eu fosse o teu patrão  
 Ai, eu te tratava  
 Como uma escrava  
 Ai, eu não te dava perdão  
 Te rasgava a roupa, morena  
 Se eu fosse o teu patrão  
 Eu te encarcerava  
 Te acorrentava  
 Te atava ao pé do fogão  
 Não te dava sopa, morena  
 Se eu fosse o teu patrão  
 Eu te encurralava  
 Te dominava  
 Te violava no chão  
 Te deixava rota, morena  
 Se eu fosse o teu patrão  
 Quando tu quebrava  
 E tu desmontava  
 E tu não prestava mais não  
 Eu comprava outra morena  
 Se eu fosse o teu patrão

#### ELAS

Pois eu te pagava direito  
 Soldo de cidadão  
 Punha uma medalha em teu  
 peito  
 Se eu fosse o teu patrão  
 O tempo passava sereno  
 E sem reclamação  
 Tu nem reparava, moreno  
 Na tua maldição  
 E tu só pegava veneno  
 Beijando a minha mão  
 Ódio te brotava, moreno  
 Ódio do teu irmão  
 Teu filho pegava gangrena  
 Raiva, peste e sezão  
 Cólera na tua morena  
 E tu não chiava não  
 Eu te dava café pequeno  
 E manteiga no pão

Depois te afagava, moreno  
 Como se afaga um cão  
 Eu sempre te dava esperança  
 Dum futuro hão  
 Tu me idolatrava, criança  
 Se eu fosse o teu patrão

### 12. “O Meu Amor”

#### TERESINHA

O meu amor  
 Tem um jeito manso que é só  
 seu  
 E que me deixa louca  
 Quando me beija a boca  
 A minha pele toda fica arrepiada  
 E me beija com calma e fundo  
 Até minh'alma se sentir beijada

#### LÚCIA

O meu amor  
 Tem um jeito manso que é só  
 seu  
 Que rouba os meus sentidos  
 Viola os meus ouvidos  
 Com tantos segredos  
 Lindos e indecentes  
 Depois brinca comigo  
 Ri do meu umbigo  
 E me crava os dentes

#### AS DUAS

Eu sou sua menina, viu?  
 E ele é o meu rapaz  
 Meu corpo é testemunha  
 Do bem que ele me faz

#### LÚCIA

Meu amor  
 Tem um jeito manso que é só  
 seu  
 De me deixar maluca  
 Quando me roça a nuca  
 E quase me machuca  
 Com a barba mal feita  
 E de pousar as coxas  
 Entre as minhas coxas  
 Quando ele se deita

## TERESINHA

O meu amor  
Tem um jeito manso que é só  
seu  
De me fazer rodeios  
De me beijar os seios  
Me beijar o ventre  
E me beijar o sexo  
E o mundo sai rodando  
E tudo vai ficando  
Solto e desconexo

## AS DUAS

Eu sou sua menina, viu?  
E ele é o meu rapaz  
Meu corpo é testemunha  
Do bem que ele me faz

## 13. "Geni e o Zepelim"

De tudo que é nego torto  
Do mangue e do cais do porto  
Ela já foi namorada  
O seu corpo é dos errantes  
Dos cegos, dos retirantes  
É de quem não tem mais nada  
Foi assim desde menina  
Das lésbicas, concubina  
Dos pederastas, amásio  
É a rainha dos detentos  
Das loucas, dos lazarentos  
Dos moleques de ginásio  
E também dá-se amiúde  
Aos velhinhos sem saúde  
E às viúvas sem porvir  
Ela é um poço de bondade  
E é por isso que a cidade  
Vive sempre a repetir

## COM CORO

Joga pedra na Geni  
joga bosta na Geni  
Ela é feita pra apanhar  
Ela é boa de cuspir  
Ela dá pra qualquer um  
Maldita Geni  
Um dia surgiu, brilhante  
Entre as nuvens, flutuante  
Um enorme zepelim

Paiou sobre os edifícios  
Abriu dois mil orifícios  
Com dois mil canhões assim  
A cidade apavorada  
Se quedou paralisada  
Pronta pra virar geléia  
Mas do zepelim gigante  
Desceu o seu comandante  
Dizendo Mudei de idéia  
Quando vi nesta cidade  
Tanto horror e iniquidade  
Resolvi tudo explodir  
Mas posso evitar o drama  
Se aquela formosa dama  
Esta noite me servir

## COM CORO

Essa dama era Geni  
Mas não pode ser Geni  
Ela é feita pra apanhar  
Ela é boa de cuspir  
Ela dá pra qualquer um  
Maldita Geni  
Mas, de fato, logo ela  
Tão coitada e tão singela  
Cativara o forasteiro  
O guerreiro tão vistoso  
Tão temido e poderoso  
Era dela, prisioneiro  
Acontece que a donzela  
e isso era segredo dela  
Também tinha seus caprichos  
E a deitar com homem tão  
nobre  
Tão cheirando a brilho e a cobre  
Preferia amar com os bichos  
Ao ouvir tal heresia  
A cidade em romaria  
Foi beijar a sua mão  
O prefeito de joelhos  
O bispo de olhos vermelhos  
E o banqueiro com um milhão

## COM CORO

Vai com ele, vai, Geni  
Vai com ele, vai, Geni  
Você pode nos salvar  
Você vai nos redimir  
Você dá pra qualquer um

Bendita Geni  
 Foram tantos os pedidos  
 Tão sinceros, tão sentidos  
 Que ela dominou seu asco  
 Nessa noite lancinante  
 Entregou-se a tal amante  
 Como quem dá-se ao carrasco  
 Ele fez tanta sujeira  
 Lambuzou-se a noite inteira  
 Até ficar saciado  
 E nem bem amanhecia  
 Partiu numa nuvem fria  
 Com seu zepelim prateado  
 Num suspiro aliviado  
 Ela se virou de lado  
 E tentou até sorrir  
 Mas logo raiou o dia  
 E a cidade em cantoria  
 Não deixou ela dormir

**COM CORO**

joga pedra na Geni  
 Joga bosta na Geni  
 Ela é feita pra apanhar  
 Ela é boa de cuspir  
 Ela dá pra qualquer um  
 Maldita Geni

**14. “Pedaço de Mim”**

**TERESINHA**

Oh, pedaço de mim  
 Oh, metade afastada de mim  
 Leva o teu olhar  
 Que a saudade é o pior tormento  
 É pior do que o esquecimento

É pior do que se entrevar

**MAX**

Oh, pedaço de mim  
 Oh, metade exilada de mim  
 Leva os teus sinais  
 Que a saudade dói como um barco  
 Que aos poucos descreve um arco  
 E evita atracar no cais

**TERESINHA**

Oh, pedaço de mim  
 Oh, metade arrancada de mim  
 Leva o vulto teu  
 Que a saudade é o revés de um parto  
 A saudade é arrumar o quarto  
 Do filho que já morreu

**MAX**

Oh, pedaço de mim  
 Oh, metade amputada de mim  
 Leva o que há de ti  
 Que a saudade dói latejada  
 É assim como uma fisgada  
 No membro que já perdi

**OS DOIS**

Oh, pedaço de mim  
 Oh, metade adorada de mim  
 Lava os olhos meus  
 Que a saudade é o pior castigo  
 E eu não quero levar comigo  
 A mortalha do amor  
 Adeus

**15. Orquestra dá acorde seco que introduz a ópera. Do fundo do palco vem surgindo João Alegre, sentado ao volante de um conversível modelo anos 40. De agora em diante, tudo será cantado.**

**JOÃO ALEGRE**

Telegrama  
 Do Alabama  
 Pro senhor Max  
 Overseas  
 Ai, meu Deus do céu  
 Me sinto tão feliz

**TERESINHA**

Chegou a confirmação  
 Da United coisa e tal  
 Que nos passa a concessão  
 Vara o náilon tropical

MAX	E do senhor Bancário ou contador
Então nós vamos montar Em São Paulo um fabricão	
TERESINHA	CORO
Depois vamos exportar Fio de náilon pro Japão	Que sucesso O progresso Corta o mal Pela raiz Ai, meu Deus do céu Me sinto tão feliz
MAX	CHAVES
Sei que o náilon tem valor Mas começa a me enjoar Tive idéia bem melhor Nós vamos ramificar	Irmão Nem começar eu sei Receio te inibir
TERESINHA	MAX
Já ramifiquei, ha há Fiz acordo com a Shell Coca-Cola, RCA E vai ser sopa no mel	Sua vontade é lei É falar É mandar É exigir
CORO	CHAVES
Que beleza Que riqueza Tá chovendo Da matriz Ai, meu Deus do céu Me sinto tão feliz	É que Num mundo tão cruel Cheio de inveja e fel Não lhe fará mal Ter à mão Proteção Policial Quer os meus préstimos?
MAX	MAX
Que tal juntarmos Esses capitais Pra abrir um banco Em Minas Gerais	Eu acho ótimo BARRABÁS Serve um acólito?
TERESINHA	MAX
Que brilhante idéia, meu amor Que plano original Com fundos do exterior Você fundar Um banco nacional	Também Vou te empregar
CAPANGAS	LÜCIA
E eu que já fui Um pobre marginal Sem documento E sem moral Hei de ser um bom profissional Vou ser quase um doutor Continuo da senhora	Eu não Tenho com quem deixar Meu filho que já vem
	MAX
	Barrabás é um par Exemplar

Quer casar

BARRABÁS

E adoro neném

CORO

Maravilha

Que família

Dois pombinhos

E um petiz

Ai, meu Deus do céu

Me sinto tão feliz

VITÓRIA

Só tenho um único

Breve reparo

A tão preclaro

Genro viril

É o esquecimento

Do sacramento

Afinal

Se casou

Só no civil

Oh, oh, oh

Oh, oh, oh

Só no civil

Oh, oh, oh

Oh, oh, oh

Só no civil

MAX

Mas nesse ínterim

Mudei de crença

Já peço a bênção

No santo altar

VITÓRIA

Que maravilha

Não perco a filha

E um varão

Bonitão

Eu vou ganhar

Ah, ah, ah

Ah, ah, ah

Eu vou ganhar

Ah, ah, ah

Ah, ah, ah

Eu vou ganhar

DURAN

Minha filha, eu desejo pedir teu perdão

TERESINHA

Oh, meu pai, isso é bom demais! Finalmente! Até que enfim!

DURAN

Não sei como fui pra você tão durão

Tão mandão, tão sem coração, tão malvado assim

MAX

Meu sogro, o senhor não sabe quanta alegria

Me dá, ao dizer que já se juntou aos nossos

DURAN

Só Deus sabe há quanto tempo eu tanto queria

Poder apertar esses ossos

CORO

Que alegria

Quem diria

Como os grandes

São gentis

Ai, meu Deus do céu

Me sinto tão feliz

DURAN

Não quero ser

Nas suas costas um fardo

Porém

Talvez

Eu necessite um resguardo

MAX

Tua instituição

Tão tradicional

Vai ter um padrão

Moderno

Cristão e ocidental

PUTAS

Vamos participar  
Dessa evolução  
Vamos todas entrar  
Na linha de produção  
Vamos abandonar  
O sexo artesanal  
Vamos todas amar  
Em escala industrial

**GENI**  
O sol nasceu  
No mar de Copacabana  
Pra quem viveu  
Só de café e banana

**TODOS**  
Tem gilette, Kibon  
Lanchonete, neon

Petróleo  
Cinemascope, sapólio  
Ban-lon  
Shampoo, tevê  
Cigarros longos e finos  
Blindex fume  
Já tem napalm e Kolinos  
Tem cassete e rai-ban  
Camionete e sedan  
Que sonho  
Corcel, Brasília, plutônio  
Shazam  
Que orgia  
Que energia  
Reina a paz  
No meu país  
Ai, meu Deus do céu  
Me sinto tão feliz

### 16. O Malandro N." 2

O malandro/Tá na greta  
Na sarjeta/Do país  
E quem passa/Acha graça  
Na desgraça/Do infeliz  
O malandro /Tá de coma  
Hematoma/No nariz  
E rasgando/Sua bunda  
Uma funda/Cicatriz  
O seu rosto/Tem mais mosca  
Que a birosca/Do Mane  
O malandro/É um presunto

De pé junto/E com chulé  
O coitado/Foi encontrado  
Mais furado/Que Jesus  
E do estranho/Abdômen  
Desse homem/Jorra pus  
O seu peito/Putrefeito  
Tá com jeito/De pirão  
O seu sangue/Forma lagos  
E os seus bagos/Estão no chão  
O cadáver/Do indigente  
É evidente/Que morreu  
E no entanto/Ele se move  
Como prova/O Galileu

## 7 CANÇÕES PRESENTES NO FILME DE 1985

### 1. "A Volta do Malandro"

Eis o malandro na praça outra vez  
Caminhando na ponta dos pés  
Como quem pisa nos corações  
Que rolarão dos cabarés  
Entre deusas e bofetões  
Entre dados e coronéis  
Entre parangolés e patrões  
O malandro anda assim de viés

Deixa balançar a maré  
E a poeira assentar no chão  
Deixa a praça virar um salão  
Que o malandro é o barão da ralé

### 2. "Las Muchachas de Copacabana"

Se o cliente quer rumbeira, tem  
Com tempero da baiana

Somos Las Muchachas de  
Copacabana  
Somos Las Muchachas de  
Copacabana

Cubanita brasileira tem  
Com sombreiro à mexicana  
Somos Las Muchachas de  
Copacabana  
Somos Las Muchachas de  
Copacabana

Mamãe, desculpa meus erros  
de caligrafia  
Lembrança da filha  
Que brilha aqui na capital  
É uma estrela internacional  
Tua filha na capital  
É uma estrela internacional

O gringo tem  
Um domingo com a havaiana  
Somos Las Muchachas de  
Copacabana  
Somos Las Muchachas de  
Copacabana

Se quer uma pecadora, tem  
Uma loura muçulmana  
Somos Las Muchachas de  
Copacabana  
Somos Las Muchachas de  
Copacabana

Mamãe, pro mês eu lhe mando  
umas economias  
Lembrança da filha  
Que brilha aqui na capital  
É uma estrela internacional  
Tua filha na capital  
É uma estrela internacional

### 3. “Geni”

Joga pedra na Geni!  
Joga bosta na Geni!  
Ela é feita pra apanhar!  
Ela é boa de cuspir!  
Ela dá pra qualquer um!

Maldita Geni!

### 4. “Hino de Duran”

Se tu falas muitas  
Palavras sutis  
E gostas de senhas  
Sussurros ardis  
A lei tem ouvidos  
Pra te delatar  
Nas pedras do teu próprio lar  
Se trazes no bolso  
A contravenção  
Muambas, baganas  
E nem um tostão  
A lei te vigia  
Bandido infeliz  
Com seus olhos de raios X  
Se vives nas sombras  
Frequentas porões  
Se tramas assaltos ou  
revoluções  
A lei te procura amanhã de  
manhã  
Com seu faro de doberman  
E se definitivamente a  
sociedade  
Só te tem desprezo e horror  
E mesmo nas galeras és nocivo  
És um estorvo, és um tumor  
A lei fecha o livro  
Te pregam na cruz  
Depois chamam os urubus

### 5. “Aquela Mulher”

Se você quer mesmo saber  
Por que que ela ficou comigo  
Eu digo que não sei  
Se ela ainda tem seu endereço  
Ou se lembra de você  
Confesso que não perguntei

As nossas noites são  
Feito oração na catedral  
Não cuidamos do mundo  
Um segundo sequer  
Que noites de alucinação  
Passo dentro daquela mulher

Com outros homens, ela só me diz  
Que sempre se exibiu  
E até fingiu sentir prazer  
Mas nunca soube, antes de mim  
Que o amor vai longe assim  
Não foi você quem quis saber?

As nossas noites são  
Feito oração na catedral  
Não cuidamos do mundo  
Um segundo sequer  
Que noites de alucinação  
Passo dentro daquela mulher  
Com outros homens, ela só me diz  
Que sempre se exibiu  
E até fingiu sentir prazer  
Mas nunca soube, antes de mim  
Que o amor vai longe assim  
Não foi você quem quis saber?

#### 6. “Viver do Amor”

Pra se viver do amor  
Há que esquecer o amor  
Há que se amar  
Sem amar  
Sem prazer  
E com despertador

Há que penar no amor  
Pra se ganhar no amor  
Há que apanhar  
E sangrar  
E suar  
Como um trabalhador

Ai, o amor  
Jamais foi um sonho  
O amor é feroz  
Faz em nós um estrago  
medonho  
É por isso que se à  
De entender  
Que amar não é um ócio  
Se precaver  
Que amar não é um vício  
Amar é um sacrifício

Amar é um sacerdócio  
A luz do abajur

É por isso que se há de entender  
Que o amor não é um ócio  
Se precaver  
Que o amar não é um vício  
O amor é um nobre ofício  
O amor é um bom negócio

#### 7. “Sentimental”

Sentimental, sentimental  
Um coração saliente  
Bate e bate muito mais que sente  
Fica doente mas é natural, natural  
Que num cochilo de agosto  
Surja um outro alguém do sexo oposto  
Do sexo oposto outro alguém  
Ontem vi tudo acabado  
Meu céu desastrado  
Medo, solidão, ciúme  
Hoje contei as estrelas  
E a vida parece um filme  
Gemini, gemini, geminiano  
Este ano vai ser o seu ano  
Ou se não, o destino não quis  
Ah, eu hei de ser  
Terei de ser  
Serei feliz  
Serei feliz, feliz  
Façam muitas manhãs  
Que se o mundo acabar  
Eu ainda não fui feliz  
Atrapalhem os pés  
Dos exércitos, dos pelotões  
Eu não fui feliz  
Desmantelam no cais  
Os navios de guerra  
Eu ainda não fui feliz  
Paralisem no céu  
Todos os aviões  
É urgente, eu não fui feliz  
Tenho dezesseis anos  
Sou morena clara, atraente

Sentimental, sentimental  
Sentimental, sentimental

### 8. “Desafio do Malandro”

Você tá pensando que é da alta sociedade  
Ou vai montar exposição de souvenir de gringo  
Ou foi fazer a fé no bingo em chá de caridade  
Eu não sei não, eu não sei não  
Só sei que você vem com five o'clock, very well, my friend  
A curriola leva um choque, nego não entende  
E deita e rola e sai comentando  
Que grande malandro é você

- Você tá fazendo piada ou vai querer que eu chore  
A sua estampa eu já conheço do museu do império  
Ou mausoléu de cemitério, ou feira de folclore  
Eu não sei não, eu não sei não  
Só sei que você vem com reco-reco, berimbau, farofa  
A curriola tem um treco, nego faz galhofa  
E deita e rola e sai comentando  
Que grande malandro é você

- Você que era um sujeito tipo jovial  
Agora até mudou de nome

- Você infelizmente continua igual  
Fala bonito e passa fome

- Vai ver que ainda vai virar trabalhador  
Que horror

- Trabalho a minha nega e morro de calor

- Falta malandro se casar e ser avô

- Você não sabe nem o que é o amor  
Malandro infeliz

- Amor igual ao seu, malandro tem quarenta e não diz

- Respeite uma mulher que é boa e me sustenta

- Ela já foi aposentada

- Ela me alisa e me alimenta

- A bolsa dela tá furada

- E a sua mãe tá na rua

- Se você nunca teve mãe, eu não posso falar da sua

- Eu não vou sujar a navalha nem sair no tapa

- É mais util sumir da Lapa

- Eu não jogo a toalha

- Onde é que acaba essa batalha?

- Em fundo de caçapa

- Eu não sei não, eu não sei não

- Só sei que você perde a compostura quando eu pego o taco

A curriola não segura, nego coça o saco  
E deita e rola e sai comentando  
que grande malandro é você

### 9. “O Último Blues”

Essa menina que você seduz

E um dia depois  
 Sem mais nem mais, esquece  
 Ela, no fundo, é uma atriz  
 Quando beija a sua boca  
 E nada acontece  
 Essa menina que você seduz  
 Agora é uma atriz  
 Saída de outro peça  
 Chamada "Doces Ardis..."  
 Quando beija a sua boca  
 Ela começa a fraquejar  
 Por onde anda a sua mão  
 Você só quer se aproveitar  
 E ela delira  
 Rodopiando no salão  
 Os dois parecem um casal  
 Mas é mentira  
 Essa menina pode ir pro Japão  
 Na vida real  
 Você é quem enlouquece  
 Apaga a última luz  
 E nos cantos do seu quarto  
 A figura dela fosforesce  
 Ao som do último blues  
 Na Rádio Cabeça  
 Se puder esqueça  
 A menina que você seduz

#### 10. "Palavra de Mulher"

Vou voltar  
 Haja o que houver, eu vou voltar  
 Já te deixei jurando nunca mais  
 olhar pra trás  
 Palavra de mulher, eu vou voltar  
 Posso até  
 Sair de bar em bar, falar  
 besteira  
 E me enganar  
 Com qualquer um deitar  
 A noite inteira  
 Eu vou te amar  
 Vou chegar  
 A qualquer hora ao meu lugar  
 E se uma outra pretendia um  
 dia te roubar  
 Dispensa essa vadia  
 Eu vou voltar  
 Vou subir

A nossa escada, a escada, a  
 escada, a escada  
 Meu amor, eu vou partir  
 De novo e sempre, feito viciada  
 Eu vou voltar  
 Pode ser  
 Que a nossa história  
 Seja mais uma quimera  
 E pode o nosso teto, a Lapa, o  
 Rio desabar  
 Pode ser  
 Que passe o nosso tempo  
 Como qualquer primavera.  
 Espera  
 Me espera  
 Eu vou voltar

#### 11. "O meu amor"

O meu amor  
 Tem um jeito manso que é só  
 seu  
 E que me deixa louca  
 Quando me beija a boca  
 A minha pele toda fica arrepiada  
 E me beija com calma e fundo  
 Até minh'alma se sentir beijada,  
 ai  
 O meu amor  
 Tem um jeito manso que é só  
 seu  
 Que rouba os meus sentidos  
 Viola os meus ouvidos  
 Com tantos segredos lindos e  
 indecentes  
 Depois brinca comigo  
 Ri do meu umbigo  
 E me crava os dentes, ai  
 Eu sou sua menina, viu?  
 E ele é o meu rapaz  
 Meu corpo é testemunha  
 Do bem que ele me faz  
 O meu amor  
 Tem um jeito manso que é só  
 seu  
 De me deixar maluca  
 Quando me roça a nuca  
 E quase me machuca com a  
 barba malfeita

E de pousar as coxas entre as minhas coxas  
 Quando ele se deita  
 O meu amor  
 Tem um jeito manso que é só seu  
 De me fazer rodeios  
 De me beijar os seios  
 Me beijar o ventre  
 E me deixar em brasa  
 Desfruta do meu corpo  
 Como se o meu corpo fosse a sua casa, ai  
 Eu sou sua menina, viu?  
 E ele é o meu rapaz  
 Meu corpo é testemunha  
 Do bem que ele me faz

### 12. “Tango do Covil”

Ai, quem me dera ser cantor  
 Quem dera ser tenor  
 Quem sabe ter a voz  
 Igual aos rouxinóis  
 Igual ao trovador  
 Que canta os arrebóis  
 Pra te dizer gentil  
 Bem-vinda  
 Deixa eu cantar tua beleza  
 Tu és a mais linda princesa  
 Aqui deste covil

Ai, quem me dera ser doutor  
 Formado em Salvador  
 Ter um diploma, anel  
 E voz de bacharel  
 Fazer em teu louvor  
 Discursos a granel  
 Pra te dizer gentil  
 Bem-vinda  
 Tu és a dama mais formosa  
 E, ouso dizer, a mais gostosa  
 Aqui deste covil

Ai, quem me dera ser garçom  
 Ter um sapato bom  
 Quem sabe até talvez  
 Ser um garçom francês  
 Falar de champinhom

Falar de molho inglês  
 Pra te dizer gentil  
 Bem-vinda  
 És tão graciosa e tão miúda  
 Tu és a dama mais tesuda  
 Aqui deste covil

Ai, quem me dera ser Gardel  
 Tenor e bacharel  
 Francês e rouxinol  
 Doutor em champinhom  
 Garçom em Salvador  
 E locutor de futebol  
 Pra te dizer febril  
 Bem-vinda  
 Tua beleza é quase um crime  
 Tu és a bunda mais sublime  
 Aqui deste covil

### 13. “Uma Canção Desnaturada”

Por que cresceste, curuminha  
 Assim depressa e estabanada  
 Saíste maquiada  
 Dentro do meu vestido  
 Se fosse permitido  
 Eu revertia o tempo  
 Para reviver a tempo  
 De poder

Te ver as pernas bambas,  
 curuminha  
 Batendo com a moleira  
 Te emporcalhando inteira  
 E eu te negar meu colo  
 Recuperar as noites, curuminha  
 Que atravessei em claro  
 Ignorar teu choro  
 E só cuidar de mim

Deixar-te arder em febre,  
 curuminha  
 Cinquenta graus, tossir, bater o queixo  
 Vestir-te com desleixo  
 Tratar uma ama-seca  
 Quebrar tua boneca, curuminha  
 Raspar os teus cabelos  
 E ir te exibindo pelos

### Botequins

Tornar azeite o leite  
 Do peito que mirraste  
 No chão que engatinhaste  
 Salpicar mil cacos de vidro  
 Pelo cordão perdido  
 Te recolher pra sempre  
 À escuridão do ventre,  
 curuminha  
 De onde não deverias  
 Nunca ter saído

### 14. Pedaço de Mim

Oh, pedaço de mim  
 Oh, metade afastada de mim  
 Leva o teu olhar  
 Que a saudade é o pior  
 tormento  
 É pior do que o esquecimento  
 É pior do que se entrevar  
 Oh, pedaço de mim  
 Oh, metade exilada de mim  
 Leva os teus sinais

Que a saudade dói como um  
 barco  
 Que aos poucos descreve um  
 arco  
 E evita atracar no cais  
 Oh, pedaço de mim  
 Oh, metade arrancada de mim  
 Leva o vulto teu  
 Que a saudade é o revés de um  
 parto  
 A saudade é arrumar o quarto  
 Do filho que já morreu  
 Oh, pedaço de mim  
 Oh, metade amputada de mim  
 Leva o que há de ti  
 Que a saudade dói latejada  
 É assim como uma fisgada  
 No membro que já perdi  
 Oh, pedaço de mim  
 Oh, metade adorada de mim  
 Lava os olhos meus  
 Que a saudade é o pior castigo  
 E eu não quero levar comigo  
 A mortalha do amor  
 Adeus

## 8 CANÇÕES PRESENTES NA PEÇA DE 2003

### 1. “A Volta do Malandro”

Eis o malandro na praça outra vez  
 Caminhando na ponta dos pés  
 Como quem pisa nos corações  
 Que rolaram dos cabarés (Solo Homem)  
 Entre deusas e bofetões  
 Entre dados e coronéis  
 Entre parangolés e patrões (Solo Mulher)  
 O malandro anda assim de viés (Dueto)  
 Deixa balançar a maré (Solo homem)

E a poeira assentar no chão (Solo Mulher)  
 Deixa a praça virar um salão (Dueto)  
 Que o malandro é o barão (Solo Homem)  
 Que o malandro é o barão (Solo Mulher)  
 Que o malandro é o barão (Dueto)  
 Eis o malandro na praça outra vez (Coro)  
 (O malandro na praça outra vez)  
 (Coro Secundário)  
 Caminhando na ponta dos pés (Coro)

(ponta dos pés) (Coro Secundário)  
 Como quem pisa nos corações  
 Coração coração (Coro Secundário)  
 Que rolaram dos cabarés  
 Entre deusas e bofetões  
 Entre dados e coronéis  
 Entre parangolés e patrões  
 O malandro anda assim de viés  
 Deixa balançar a maré  
 E a poeira assentar no chão  
 Deixa a praça virar um salão  
 Que o malandro é o barão da ralé (Coro)

## 2. “Viver do amor”

Pra se viver do amor  
 Há que esquecer o amor  
 Há que se amar  
 Sem amar  
 Sem prazer  
 E com despertador  
 Como um funcionário  
 Há que penar no amor  
 Pra se ganhar no amor  
 Há que apanhar  
 E sangrar  
 E suar  
 Como um trabalhador  
 Ai, o amor  
 Jamais foi um sonho  
 O amor, eu bem sei  
 Já provei  
 E é um veneno medonho  
 É por isso que se há de entender  
 Que o amar não é um ócio  
 Se precaver  
 Que o amar não é um vício  
 O amor é um nobre ofício  
 O amor é um bom negócio  
 A luz do abajur  
 Ai, o amor  
 Jamais foi um sonho  
 O amor é feroz  
 Faz em nós um estrago  
 medonho

É por isso que se à  
 De entender  
 Que amar não é um ócio  
 Se precaver  
 Que amar não é um vício  
 O amor é um nobre ofício  
 O amor é um bom negócio  
 A luz do abajur  
 Vai minha filha Agora vai!  
 E que deus te proteja  
 Pra se viver do amor.

## 3. “Hino de Duran”

Se tu falas muitas  
 Palavras sutis  
 Se gostas de senhas  
 Sussurros ardis  
 A lei tem ouvidos  
 Pra te delatar  
 Nas pedras do teu próprio lar  
 Se trazes no bolso  
 A contravenção  
 Muambas, baganas  
 E nem um tostão  
 A lei te vigia  
 Bandido infeliz  
 Com seus olhos de raios X  
 Se vives nas sombras  
 Frequentas porões  
 Se tramas assaltos ou revoluções  
 A lei te procura amanhã de manhã  
 Com seu faro de doberman  
 E se definitivamente a sociedade  
 Só te tem desprezo e horror  
 E mesmo nas galeras és nocivo  
 És um estorvo, és um tumor  
 A lei fecha o livro  
 Te pregam na cruz  
 Depois chamam os urubus

## 4. “Tango do Covil”

General Eletric - Trabalha com eletrodomésticos

Ai, quem me dera ser cantor  
 Quem dera ser tenor  
 Quem sabe ter a voz  
 Igual aos rouxinóis  
 Igual ao trovador  
 Que canta os arrebóis  
 Pra te dizer gentil  
 Bem-vinda  
 Deixa eu cantar tua beleza  
 Tu és a mais linda princesa  
 Aqui deste covil

Phillip Morris - Trabalha com tudo aquilo dá câncer

Ai, quem me dera ser doutor  
 Formado em Salvador  
 Ter um diploma, anel  
 E voz de bacharel  
 Fazer em teu louvor  
 Discursos a granel  
 Pra te dizer gentil  
 Bem-vinda  
 Tu és a dama mais formosa  
 E, ouso dizer, a mais gostosa  
 Aqui deste covil

Johnnie Walker - Trabalha com bebidas alcoólicas

Ai, quem me dera ser garçom  
 Ter um sapato bom  
 Quem sabe até talvez  
 Ser um garçom francês  
 Falar de champinhom  
 Falar de molho inglês  
 Pra te dizer gentil  
 Bem-vinda  
 És tão graciosa e tão miúda  
 Tu és a dama mais tesuda  
 Aqui deste covil

Ben “Big Ben O Homem Relógio” - Trabalha com relógios

Ai, quem me dera ser Gardel  
 Tenor e bacharel  
 Francês e rouxinol

Doutor em champinhom  
 Garçom em Salvador  
 E locutor de futebol  
 Pra te dizer febril  
 Bem-vinda  
 Tua beleza é quase um crime  
 Tu és a bunda mais sublime  
 Aqui deste covil

### 5. “Desafio do Malandro”

- *Você tá pensando que é da alta sociedade  
 Ou vai montar exposição de souvenir de gringo  
 Ou foi fazer a fé no bingo em chá de caridade  
 Eu não sei não, eu não sei não  
 Só sei que você vem com five o'clock, very well, my friend  
 A corriola leva um choque, nego não entende  
 E deita e rola e sai comentando  
 Que grande malandro é você (Chaves)*

- *Você tá fazendo piada ou vai querer que eu chore  
 A sua estampa eu já conheço do museu do império  
 Ou mausoléu de cemitério, ou feira de folclore  
 Eu não sei não, eu não sei não  
 Só sei que você vem com reco-reco, berimbau, farofa  
 A curriola tem um treco, nego faz galhofa  
 E deita e rola e sai comentando  
 Que grande malandro é você (Max)*

- *Você que era um sujeito tipo jovial  
 Agora até mudou de nome (Chaves)*

- *Você infelizmente continua igual  
 Fala bonito e passa fome (Max)*

- *Vai ver que ainda vai virar trabalhador (Chaves)*

*Que horror (Coro)*

- *Trabalho a minha nega e morro de calor (Max)*

- *Falta malandro se casar e ser avô (Chaves)*

- *Você não sabe nem o que é o amor*

*Malandro infeliz (Max)*

- *Amor igual ao seu, malandro tem quarenta e não diz (Chaves)*

- *Respeite uma mulher que é boa e me sustenta (Max)*

- *Ela já foi aposentada (Chaves)*

- *Ela me alisa e me alimenta (Max)*

- *A bolsa dela tá furada (Chaves)*

- *E a sua mãe tá na rua (Max)*

- *Se você nunca teve mãe, eu não posso falar da sua (Chaves)*

- *Eu não vou sujar a navalha nem sair no tapa (Max)*

- *É mais util sumir da Lapa (Chaves)*

- *Eu não jogo a toalha (Max)*

- *Onde é que acaba essa batalha? (Chaves)*

- *Em fundo de caçapa (Max)*

- *Eu não sei não, eu não sei não*

*Só sei que você perde a compostura quando eu pego o taco*

*A corriola não segura, nego coça o saco*

*E deita e rola e sai comentando que grande malandro é você (Dueto)*

## 6. “O Casamento dos Pequenos Burgueses”

*Ele faz o noivo correto*

*E ela faz que quase desmaia*

*Vão viver sob o mesmo teto*

*Até que a casa caia*

*Até que a casa caia*

*Ele é o empregado discreto*

*E ela engoma o seu colarinho*

*Vão viver sob o mesmo teto*

*Até explodir o ninho*

*Até explodir o ninho*

*Ele faz o macho irrequieto*

*E ela faz crianças de monte*

*Vão viver sob o mesmo teto*

*Até secar a fonte*

*Até secar a fonte*

*Ele é o funcionário completo*

*E ela aprende a fazer suspiros*

*Vão viver sob o mesmo teto*

*Até trocarem tiros*

*Até trocarem tiros*

*E ele tem um caso secreto*

*E ela diz que não sai dos trilhos*

*Vão viver sob o mesmo teto*

*Até casarem os filhos*

*Até casarem os filhos*

*Ele fala em cianureto*

*E ela sonha com formicida*

*Vão viver sob o mesmo teto*

*Até que alguém decida*

*Até que alguém decida*

*Ele tem um velho projeto*

*Ela tem um monte de estrias*

*Vão viver sob o mesmo teto*

*Até o fim dos dias*

*Até o fim dos dias*

Ele às vezes cede um afeto  
 Ela só se despe no escuro  
 Vão viver sob o mesmo teto  
 Até um breve futuro  
 Até um breve futuro  
 Ela esquenta a papa do neto  
 E ele quase que fez fortuna  
 Vão viver sob o mesmo teto  
 Até que a morte os una  
 Até que a morte os una  
 Até que a morte os una  
 Até que a morte os una

### 7. “Teresinha”

O primeiro me chegou  
 Como quem vem do florista  
 Trouxe um bicho de pelúcia  
 Trouxe um broche de ametista  
 Me contou suas viagens  
 E as vantagens que ele tinha  
 Me mostrou o seu relógio  
 Me chamava de rainha  
 Me encontrou tão desarmada  
 Que tocou meu coração  
 Mas não me negava nada

### 8. “Uma canção desnaturalada”

Por que cresceste, curuminha  
 Assim depressa e estabanada  
 Saíste maquiada  
 Dentro do meu vestido  
 Se fosse permitido  
 Eu revertia o tempo  
 Para reviver a tempo  
 De poder  
 Te ver as pernas bambas,  
 curuminha  
 Batendo com a moleira  
 Te emporcalhando inteira  
 E eu te negar meu colo  
 Recuperar as noites, curuminha  
 Que atravessei em claro  
 Ignorar teu choro  
 E só cuidar de mim  
 Deixar-te arder em febre,  
 curuminha

E, assustada, eu disse "não"  
 O segundo me chegou  
 Como quem chega do bar  
 Trouxe um litro de aguardente  
 Tão amarga de tragar  
 Indagou o meu passado  
 E cheirou minha comida  
 Vasculhou minha gaveta  
 Me chamava de perdida  
 Me encontrou tão desarmada  
 Que arranhou meu coração  
 Mas não me entregava nada  
 E, assustada, eu disse "não"  
 O terceiro me chegou  
 Como quem chega do nada  
 Ele não me trouxe nada  
 Também nada perguntou  
 Mal sei como ele se chama  
 Mas entendo o que ele quer  
 Se deitou na minha cama  
 E me chama de mulher  
 Foi chegando sorrateiro  
 E antes que eu dissesse "não"  
 Se instalou feito um posseiro  
 Dentro do meu coração

Cinquenta graus, tossir, bater o queixo  
 Vestir-te com desleixo  
 Tratar uma ama-seca  
 Quebrar tua boneca, curuminha  
 Raspar os teus cabelos  
 E ir te exibindo pelos Botequins  
 Tornar azeite o leite  
 Do peito que mirraste  
 No chão que engatinhaste  
 Salpicar mil cacos de vidro  
 Pelo cordão perdido  
 Te recolher pra sempre  
 À escuridão do ventre,  
 curuminha  
 De onde não deverias  
 Nunca ter saído

### 9. “Somos as Muchachas de Copacabana”

Se o cliente quer rumbeira, tem  
Com tempero da baiana  
O que é que a baiana tem?  
A baiana eu não sei não mas a gente tem.

Somos Las Muchachas de Copacabana  
Somos Las Muchachas de Copacabana

Cubanita brasileira tem  
Com sombreiro à mexicana aiai aiai

Somos Las Muchachas de Copacabana  
Somos Las Muchachas de Copacabana

Mamãe, desculpa meu erro de caligrafia  
Lembrança da filha  
Que brilha aqui na capital  
É uma estrela internacional  
Tua filha na capital  
É uma estrela internacional

O gringo tem  
Um domingo com a havaiana  
Somos Las Muchachas de Copacabana  
Somos Las Muchachas de Copacabana

Se quer uma pecadora, tem  
Uma loura muçulmana  
Somos Las Muchachas de Copacabana  
Somos Las Muchachas de Copacabana

Mamãe, pro mês eu lhe mando umas economias  
Lembrança da filha  
Que brilha aqui na capital  
É uma estrela internacional  
Tua filha na capital  
É uma estrela internacional

Atração da Martinica, tem

Uma chica sergipana  
Paraguaia da Jamaica, tem  
Balalaica peruana  
Corcovado em Mar del Plata, tem  
Catarata de banana  
Índia canibal, na certa, tem  
E é oferta da semana  
Somos Las Muchachas de Copacabana  
Somos Las Muchachas de Copacabana

Atração da Martinica, tem  
Uma chica sergipana  
Paraguaia da Jamaica, tem  
Balalaica peruana  
Corcovado em Mar del Plata, tem  
Catarata de banana  
Índia canibal, na certa, tem  
E é oferta da semana  
Somos Las Muchachas de Copacabana  
Somos Las Muchachas de Copacabana

#### 10. “Homenagem ao malandro”

Eu fui fazer um samba em homenagem  
À nata da malandragem  
Que conheço de outros carnavais  
Eu fui à Lapa e perdi a viagem  
Que aquela tal malandragem  
Não existe mais

#### Diálogo

Eu fui fazer um samba em homenagem  
À nata da malandragem  
Que conheço de outros carnavais  
Eu fui à Lapa e perdi a viagem  
Que aquela tal malandragem  
Não existe mais - coro

Agora já não é normal  
 O que dá de malandro regular,  
 profissional  
 Malandro com aparato de  
 malandro oficial  
 Malandro candidato a malandro  
 federal  
 Malandro com retrato na coluna  
 social  
 Malandro com contrato, com  
 gravata e capital  
 Que nunca se dá mal

Mas o malandro pra valer  
 - Não espalha  
 Aposentou a navalha  
 Tem mulher e filho e tralha e tal  
 Dizem as más línguas que ele  
 até trabalha  
 Mora lá longe e chacoalha  
 Num trem da Central

### 11. "Folhetim"

Se acaso me quiseres  
 Sou dessas mulheres  
 Que só dizem sim  
 Por uma coisa à toa, uma  
 noitada boa  
 Um cinema, um botequim  
 E se tiveres renda  
 Aceito uma prenda  
 Qualquer coisa assim  
 Como uma pedra falsa, um  
 Sonho de Valsa  
 Ou um corte de cetim  
 E eu te farei as vontades  
 Direi meias verdades sempre à  
 meia-luz  
 E te farei vaidoso, supor  
 Que és o maior e que me  
 possuis  
 Mas na manhã seguinte  
 Não conta até vinte  
 Te afasta de mim  
 Pois já não vales nada, és  
 página virada  
 Descartada do meu folhetim  
 Lá lá lá lá Lá lá lá lá...

Lá lá lá lá Lá lá lá lá...

### 12. "Ai, Se Eles Me Pegam Agora"

Ai, se mamãe me pega agora  
 de anágua e de combinação  
 Será que ela me leva embora  
 ou não  
 Será que vai ficar sentida, será  
 que vai me dar razão  
 Chorar sua vida vivida em vão  
 Será que faz mil caras feias,  
 será que vai passar carão  
 Será que calça as minhas meias  
 e sai deslizando pelo salão  
 Eu quero que mamãe me veja  
 pintando a boca em coração  
 Será que vai morrer de inveja  
 ou não  
 Ai, se papai me pega agora  
 abrindo o último botão  
 Será que ele me leva embora  
 ou não  
 Será que fica enfurecido será  
 que vai me dar razão  
 Chorar o seu tempo vivido em  
 vão  
 Será que ele me trata à tapa e  
 me sapeca um pescoço  
 Ou abre um cabaré na lapa e aí  
 me contrata como atração  
 Será que me põe de castigo  
 será que ele me estende a mão  
 Será que o pai dança comigo ou  
 não?  
 Será que me põe de castigo  
 será que ele me estende a mão  
 Será que o pai dança comigo ou  
 não?  
 Será que o pai dança comigo ou  
 não?  
 Será que o pai dança comigo ou  
 não?

### 13. "Hino da Repressão"

Se atiras mendigos no imundo  
 xadrez

Com teus inimigos, e amigos, talvez  
 A lei tem motivos pra te confinar Nas grades do teu próprio lar!  
 Se no teu distrito tem farta sessão  
 De afogamento, chicote, garrote e punção  
 A lei tem caprichos, o que hoje é banal  
 Um dia vai dar no jornal!  
 E se definitivamente a sociedade  
 Só te tem desprezo e horror  
 E mesmo nas galeras és nocivo  
 És um estorvo, és um tumor  
 Que Deus te proteja, és preso comum  
 Na cela faltava esse um!

#### 14. “O meu amor”

O meu amor tem um jeito manso que é só seu  
 E que me deixa louca quando me beija a boca  
 A minha pele toda fica arrepiada  
 E me beija com calma e fundo  
 Até minh'alma se sentir beijada

O meu amor tem um jeito manso que é só seu  
 Que rouba os meus sentidos, viola os meus ouvidos  
 Com tantos segredos lindos e indecentes  
 Depois brinca comigo, ri do meu umbigo  
 E me crava os dentes

Eu sou sua menina, viu? E ele é o meu rapaz  
 Meu corpo é testemunha do bem que ele me faz

O meu amor tem um jeito manso que é só seu  
 Que me deixa maluca, quando me roça a nuca

E quase me machuca com a barba mal feita  
 E de pousar as coxas entre as minhas coxas  
 Quando ele se deita

O meu amor tem um jeito manso que é só seu  
 De me fazer rodeios, de me beijar os seios  
 Me beijar o ventre e me deixar em brasa  
 Desfruta do meu corpo como se o meu corpo  
 Fosse a sua casa

Eu sou sua menina, viu? E ele é o meu rapaz  
 Meu corpo é testemunha do bem que ele me faz  
 Eu sou sua menina, viu? E ele é o meu rapaz  
 Meu corpo é testemunha do bem que ele me faz

#### 15. “Palavra de Mulher”

Vou voltar  
 Haja o que houver, eu vou voltar  
 Já te deixei jurando nunca mais olhar para trás  
 Palavra de mulher, eu vou voltar  
 Posso até  
 Sair de bar em bar em bar em bar, falar besteira  
 E me enganar  
 Com qualquer um deitar  
 A noite inteira  
 Eu vou te amar  
 Vou chegar  
 A qualquer hora ao meu lugar  
 E se uma outra pretendia um dia te roubar  
 Dispensa essa vadia  
 Eu vou voltar  
 Vou subir  
 A nossa escada, a escada, a escada, a escada  
 Meu amor eu, vou partir

De novo e sempre, feito viciada  
 Eu vou voltar  
 Pode ser  
 Que a nossa história  
 Seja mais uma quimera  
 E pode o nosso teto, a Lapa, o  
 Rio desabar  
 Pode ser  
 Que passe o nosso tempo  
 Como qualquer primavera  
 Espera  
 Me espera  
 Eu vou voltar

### 16. "Geni e o Zepelim"

De tudo que é nego torto  
 Do mangue e do cais do porto  
 Ela já foi namorada  
 O seu corpo é dos errantes  
 Dos cegos, dos retirantes  
 É de quem não tem mais nada

Foi assim desde menina  
 Das lésbicas concubinas  
 Dos pederastas da máfia  
 É a rainha dos detentos  
 Das loucas, dos lazarentos  
 Dos moleques do internato

E também vai amiúde  
 Com os velhinhos sem saúde  
 E as viúvas sem porvir  
 Ela é um poço de bondade  
 E é por isso que a cidade  
 Vive sempre a repetir

Joga pedra na Geni!  
 Joga pedra na Geni!  
 Ela é feita pra apanhar!  
 Ela é boa de cuspir!  
 Ela dá pra qualquer um!  
 Maldita Geni!

Um dia surgiu, brilhante  
 Entre as nuvens, flutuante  
 Um enorme zepelim  
 Pairou sobre os edifícios  
 Abriu dois mil orifícios

Com dois mil canhões assim

A cidade apavorada  
 Se quedou paralisada  
 Pronta pra virar geleia  
 Mas do zepelim gigante  
 Desceu o seu comandante  
 Dizendo: Mudei de ideia!

Quando vi nesta cidade  
 Tanto horror e iniquidade  
 Resolvi tudo explodir  
 Mas posso evitar o drama  
 Se aquela formosa dama  
 Esta noite me servir

Essa dama era Geni!  
 Mas não pode ser Geni!  
 Ela é feita pra apanhar  
 Ela é boa de cuspir  
 Ela dá pra qualquer um  
 Maldita Geni!

Mas de fato, logo ela  
 Tão coitada e tão singela  
 Cativara o forasteiro  
 O guerreiro tão vistoso  
 Tão temido e poderoso  
 Era dela, prisioneiro

Acontece que a donzela  
 (E isso era segredo dela)  
 Também tinha seus caprichos  
 E ao deitar com homem tão  
 nobre  
 Tão cheirando a brilho e a cobre  
 Preferia amar com os bichos

Ao ouvir tal heresia  
 A cidade em romaria  
 Foi beijar a sua mão  
 O prefeito de joelhos  
 O bispo de olhos vermelhos  
 E o banqueiro com um milhão

Vai com ele, vai, Geni!  
 Vai com ele, vai, Geni!  
 Você pode nos salvar  
 Você vai nos redimir

Você dá pra qualquer um  
Bendita Geni!

Foram tantos os pedidos  
Tão sinceros, tão sentidos  
Que ela dominou seu asco  
Nessa noite lancinante  
Entregou-se a tal amante  
Como quem dá-se ao carrasco

Ele fez tanta sujeira  
Lambuzou-se a noite inteira  
Até ficar saciado  
E nem bem amanhecia  
Partiu numa nuvem fria  
Com seu zepelim prateado

Num suspiro aliviado  
Ela se virou de lado

### 17. “Pedaço de Mim”

Oh, pedaço de mim  
Oh, metade afastada de mim  
Leva o teu olhar  
Que a saudade é o pior  
tormento  
É pior do que o esquecimento  
É pior do que se entrevar

Oh, pedaço de mim  
Oh, metade exilada de mim  
Leva os teus sinais  
Que a saudade dói como um  
barco  
Que aos poucos descreve um  
arco  
E evita atracar no cais

Oh, pedaço de mim  
Oh, metade arrancada de mim  
Leva o vulto teu  
Que a saudade é o revés de um  
parto  
A saudade é arrumar o quarto  
Do filho que já morreu

Oh, pedaço de mim  
Oh, metade amputada de mim

E tentou até sorrir  
Mas logo raiou o dia  
E a cidade em cantoria  
Não deixou ela dormir

Joga pedra na Geni!  
Joga bosta na Geni!  
Ela é feita pra apanhar!  
Ela é boa de cuspir!  
Ela dá pra qualquer um!  
Maldita!

Joga pedra na Geni!  
Joga bosta na Geni!  
Ela é feita pra apanhar!  
Ela é boa de cuspir!  
Ela dá pra qualquer um!  
Maldita Geni!

Leva o que há de ti  
Que a saudade dói latejada  
É assim como uma fisgada  
No membro que já perdi

Oh, pedaço de mim  
Oh, metade adorada de mim  
Lava os olhos meus  
Que a saudade é o pior castigo  
E eu não quero levar comigo  
A mortalha do amor  
Adeus

### 18. “Ópera”

[João alegre]  
Telegrama  
Do Alabama  
Pro senhor  
Max overseas  
Ai, meu Deus do céu  
Me sinto tão feliz  
[Teresinha]  
Chegou a confirmação  
Da united coisa e tal  
Que nos passa a concessão  
Para o náilon tropical  
[Max]  
Então nós vamos montar

Em São Paulo um fabricão  
 [Teresinha]  
 Depois vamos exportar  
 Fio de náilon pro Japão  
 [Max]  
 Sei que o náilon tem valor  
 Mas começa a me enjoar  
 Tive ideia bem melhor  
 Nós vamos ramificar  
 [Teresinha]  
 Já ramifiquei, ha ha  
 Fiz acordo com a shell  
 Coca-cola, rca  
 E vai ser sopa no mel  
 Que beleza  
 Que riqueza  
 Tá chovendo  
 Da matriz  
 Ai, meu Deus do céu  
 Me sinto tão feliz  
 [Max] que tal juntarmos  
 Esses capitais  
 Abrindo um banco  
 Em Minas Gerais  
 [Teresinha]  
 Que brilhante ideia, meu amor  
 Que plano original  
 Com fundos no exterior  
 Você fundar  
 Um banco nacional  
 [Capangas]  
 E eu que já fui  
 De max um pobre marginal  
 Sem documento  
 E sem moral  
 Hei de ser um bom profissional  
 Vou ser quase um doutor  
 Contínuo da senhora  
 E do senhor  
 Bancário ou contador  
 Que sucesso  
 O progresso  
 Corta o mal  
 Pela raiz  
 Ai, meu Deus do céu  
 Me sinto tão feliz  
 [Chaves]  
 Irmão  
 Nem começar eu sei

Receio te inibir  
 [Max]  
 Tua vontade é lei  
 É falar  
 É mandar  
 É exigir  
 [Chaves]  
 É que  
 Num mundo tão cruel  
 Cheio de inveja e fel  
 Não lhe fará mal  
 Ter à mão  
 Proteção  
 Policial  
 Quer os meus préstimos?  
 [Max]  
 Eu acho ótimo  
 [Barrabás]  
 Serve um acólito?  
 (Auxiliar de chaves)  
 [Max]  
 Também vou te empregar  
 [Lúcia]  
 Eu não  
 Tenho com quem deixar  
 Meu filho que já vem  
 [Max]  
 Barrabás é um par  
 Exemplar  
 Quer casar  
 [Barrabás]  
 E adoro neném  
 Maravilha  
 Que família  
 Dois pombinhos  
 E um petiz  
 Ai, meu Deus do céu  
 Me sinto tão feliz  
 [Vitória]  
 Só tenho um único  
 Breve reparo  
 A tão preclaro  
 Genro viril  
 É o esquecimento  
 Do sacramento  
 Afinal  
 Se casou  
 Só no civil  
 Oh oh oh

Oh oh oh  
 Só no civil  
 Oh oh oh  
 Oh oh oh  
 Só no civil  
 [Max]  
 Mas nesse ínterim  
 Mudei de crença  
 Já peço a bênção  
 No santo altar  
 [Vitória]  
 Que maravilha  
 Não perco a filha  
 E um varão  
 Bonitão  
 Eu vou ganhar  
 Ah ah ah  
 Ah ah ah  
 Eu vou ganhar  
 Ah ah ah  
 Ah ah ah  
 Eu vou ganhar  
 [Duran]  
 Minha filha eu desejo pedir teu  
 perdão  
 [Teresinha]  
 Oh, meu pai, isso é bom  
 demais!  
 Finalmente! Até que enfim!  
 [Duran]  
 Não sei como fui pra você tão  
 durão  
 Tão mandão, tão sem coração  
 Tão malvado assim  
 [Max]  
 Meu sogro, o senhor não sabe  
 Quanta alegria  
 Me dá, ao dizer que já se juntou  
 Aos nossos  
 [Duran]  
 Só Deus sabe há quanto tempo  
 Eu tanto queria  
 Poder apertar esses ossos  
 Que alegria  
 Quem diria  
 Como os grandes  
 São gentis  
 Ai, meu Deus do céu  
 Me sinto tão feliz

[Duran]  
 Não quero ser  
 Nas suas costas um fardo  
 Porém, talvez  
 Eu necessite um resguardo  
 [Max]  
 Tua instituição  
 Tão tradicional  
 Vai ter um padrão  
 Moderno  
 Cristão e ocidental  
 [Funcionárias]  
 Vamos participar  
 Dessa evolução  
 Vamos todas entrar  
 Na linha de produção  
 Vamos abandonar  
 O sexo artesanal  
 Vamos todas amar  
 Em escala industrial  
 [Todos]  
 O Sol nasceu  
 No mar de Copacabana  
 Pra quem viveu  
 Só de café e banana  
 Tem gilette, kibon  
 Lanchonete, neon  
 Petróleo  
 Cinemascope, sapólio  
 Ban-lon  
 Shampoo, tevê  
 Cigarros longos e finos  
 Blindex fumê  
 Já tem napalm e kolinos  
 Tem cassete e ray-ban  
 Camionete e sedan  
 Que sonho  
 Corcel, brasília, plutônio  
 Shazam  
 Que orgia  
 Que energia  
 Reina a paz  
 No meu país  
 Ai, meu Deus do céu  
 Me sinto tão feliz

**19. “O Malandro 2”**  
 O malandro tá na greta

Na sarjeta do país  
E quem passa acha graça  
Na desgraça do infeliz  
O malandro tá de coma  
Hematoma no nariz  
E rasgando sua bunda  
Uma funda cicatriz  
O seu rosto tem mais mosca  
Que a birosca do Mané  
O malandro é um presunto  
De pé junto e com chulé  
O coitado foi encontrado  
Mais furado que Jesus

E do estranho abdômen  
Desse homem jorra pus  
O seu peito putrefeito  
Tá com jeito de pirão  
O seu sangue forma lagos  
E os seus cacos estão no chão  
O cadáver do indigente  
É evidente que morreu  
E no entanto ele se move  
Como prova o Galileu  
E no entanto ele se move  
Como prova o Galileu